



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea

JULIANA ORRICO VIANA VILAR

**SEXUALIDADE DO CASAL DE CLASSE MÉDIA ALTA NA
GESTAÇÃO E NO PÓS-PARTO SOB A ÓTICA FEMININA**

Salvador
2011

Juliana Orrico Viana Vilar

**SEXUALIDADE DO CASAL DE CLASSE MÉDIA ALTA NA
GESTAÇÃO E NO PÓS-PARTO SOB A ÓTICA FEMININA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador – UCSAL, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elaine Pedreira Rabinovich

Salvador
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

Juliana Orrico Viana Vilar

SEXUALIDADE DO CASAL DE CLASSE MÉDIA ALTA NA GESTAÇÃO E NO PÓS-PARTO SOB A ÓTICA FEMININA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 18 de Novembro de 2011

Banca examinadora:

Profª Drª Livia Filho da Costa

Profª Drª Anamélia Lins e Silva Franco

Profª Drª Elaine Pedreira Rabinovich - Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu esposo Antonio Vilar, por estar sempre presente, me ajudando para que este trabalho fosse realizado. Paciente e amoroso pôde compreender meus momentos de estudo e as demais demandas do mestrado. Obrigada meu amor, por ser um companheiro tão forte e incrível na jornada da nossa vida. Te amo demais!

Agradeço a meus filhos, luzes da minha vida, Alexandre e Júlia, por me fazerem tão feliz e do jeito deles compreenderem minhas faltas. Amo muito!

Agradeço a meus pais, Vani e Ligia, por sempre me incentivarem e me darem oportunidade para fazer o mestrado e todos os meus estudos, me dando tanto apoio e amor. Amo vocês! Sem vocês não teria conseguido;

Agradeço ao meu irmão Paulo, pela amizade, companheirismo e pela presença constante em minha vida de forma tão especial. Te amo!

Agradeço aos meus sogros, Tio Vilar e Tia Marta, e cunhados, Mariana, Alexandre, Rodrigo e Renata, que mesmo de longe se fizeram presentes, dando amor e apoio;

Agradeço a Tia Tania, por se tornado mais que uma tia, uma mãe, amiga, avó. Sempre presente e cheia de luz! Ao tio Rivaldo, Rivaldo Neto e Juliana, pelo acolhimento e por dividir momentos tão alegres e felizes!

Agradeço aos meus amigos por fazerem parte da minha vida;

Agradeço de forma muito especial à minha orientadora Elaine, mulher extraordinária, que despertou em mim o amor pela pesquisa e a vontade de fazer o mestrado e futuramente um doutorado. Uma orientadora maravilhosa, firme e rigorosa, acolhedora, amiga e amável, incentivando sempre, com todos os percalços;

Agradeço aos professores e secretaria do mestrado por poderem abarcar as minhas demandas;

Agradeço as entrevistadas pela colaboração e confiança;

Agradeço a Deus pela vida, e por nunca me faltar.

“Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão? Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar. Ficou deitado e viu que horas eram, enquanto Mônica tomava um conhaque no outro canto da cidade, como eles disseram. Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer, e conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer. Um carinha do cursinho do Eduardo que disse: "Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir".

Festa estranha, com gente esquisita, "Eu não tô legal, não agüento mais biritá". E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais sobre o boyzinho que tentava impressionar. E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa "É quase duas, eu vou me ferrar". Eduardo e Mônica trocaram telefone. Depois telefonaram e decidiram se encontrar. O Eduardo sugeriu uma lanchonete, mas a Mônica queria ver o filme do Godard. Se encontraram então no parque da cidade, a Mônica de moto e o Eduardo de "camelo". O Eduardo achou estranho, é melhor não comentar, mas a menina tinha tinta no cabelo.

Eduardo e Mônica eram nada parecidos: Ela era de Leão e ele tinha dezesseis; Ela fazia Medicina e falava alemão, e ele ainda nas aulinhas de inglês; Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus, Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud, e o Eduardo gostava de novela, e jogava futebol-de-botão com seu avô; Ela falava coisas sobre o Planalto Central, também magia e meditação, e o Eduardo ainda tava no esquema Escola, cinema, clube, televisão. E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente

uma vontade de se ver. E os dois se encontravam todo dia. E a vontade crescia, como tinha de ser. Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia, teatro, artesanato, e foram viajar.

A Mônica explicava pro Eduardo coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar. Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer, e decidiu trabalhar. E ela se formou no mesmo mês que ele passou no vestibular. E os dois comemoraram juntos, e também brigaram juntos, muitas vezes depois. E todo mundo diz que ele completa ela, e vice-versa, que nem feijão com arroz. Construíram uma casa a uns dois anos atrás, mais ou menos quando os gêmeos vieram. Batalharam grana, seguraram legal a barra mais pesada que tiveram. Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília e a nossa amizade dá saudade no verão. Só que nessas férias, não vão viajar, porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação. E quem um dia irá dizer Que existe razão Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?”

Eduardo e Mônica- Legião Urbana

VILAR, Juliana Orrico Viana. **Sexualidade do casal de classe média alta na gestação e no pós-parto sob a ótica feminina**. 110p. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Família na Sociedade Contemporânea Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011.

RESUMO

A contemporaneidade está marcada pelo acelerado ritmo de vida, onde mulher e homem assumem diversos papéis e se dividem entre múltiplas funções. Nesse contexto, a conjugalidade assume um aspecto paradoxal onde os casais desejam ter uma vida conjugal valorizando o sentimento em detrimento do vínculo institucional. Ocorre, também, uma busca por alto desempenho sexual, retrato de uma época marcada pela exposição exacerbada da sexualidade, com fácil acesso a elementos de cunho sexual, sejam na mídia, na literatura ou mesmo na forma de produtos sexuais ofertados em inúmeras *sexy shops*. Dentro desse quadro, muitos casais passam para a fase da parentalidade em que mulheres e homens se transformam em pais e mães, e suas vidas mudam completamente. Como essas mulheres modernas encaram a gestação e o pós-parto em relação à sexualidade? Que aspectos psicológicos e psicossociais elas enfrentam durante o processo gravídico e parental? Qual a relação entre os tipos de conjugalidade e a sexualidade na passagem para a parentalidade? A proposta deste trabalho foi estudar a dimensão da sexualidade do casal na passagem para a parentalidade. O desenho da investigação utilizou o método qualitativo de análise de conteúdo para responder às questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho aqui apresentado. Foram realizadas entrevistas, três presenciais, três por email, com seis mulheres de classe média alta, que passaram recentemente por essa experiência, não havendo diferenças importantes entre os dois modos de abordagem. Em relação à gravidez e pós parto, o planejamento anterior e o modo de o marido lidar com a interrupção da vida sexual emergiram como importantes. As cinco entrevistadas pertencentes aos perfis de conjugalidade, (*Companheirismo Apaixonado* e *Amor de Alternância*), onde os parceiros dão importância à sexualidade e o relacionamento tem nesta um pilar, relataram que o nascimento de seus filhos transformou a conjugalidade e a rotina, porém com melhorias neste relacionamento. No tipo de conjugalidade onde a sexualidade não é vista com importância (*Companheirismo em Construção*), a chegada do primeiro filho agravou a questão sexual do casal, o individualismo se contrapondo à individualidade. Observou-se a grande preocupação com o corpo como inibidora do prazer sexual. Portanto, aventa-se a hipótese de que os tipos de conjugalidade podem vir a estar associados a manejos diferenciais quanto à sexualidade ante a parentalidade.

Palavras chave: Sexualidade. Conjugalidade. Parentalidade. Gravidez. Pós-parto.

VILAR, Juliana Orrico Viana. **High middle class sexuality during the gestation and after labor: the feminine vision**. 110p. 2011. Dissertation (Master degree) – Post-graduation on Family in the Contemporary Society, Catholic University of Salvador, Salvador, 2011.

ABSTRACT

The contemporary world is marked by the accelerated pace of life, where women and men assume different roles and are divided into multiple functions. In this context, conjugality takes a paradoxical aspect, where couples wish to have a conjugal life, appreciating the sentiment at the expense of institutional affiliation. Also occurs a search for high-performance sexual, portrait of a time marked by heightened exposure to sexuality, with easy access to elements of a sexual nature, whether in the media, literature or even in the form of products offered in numerous sex shops. Within this framework, many couples go to the stage of parenting, in which women and men become fathers and mothers, and completely change their lifebelts. How these modern women face pregnancy and postpartum in relation to sexuality? What psychological and psychosocial aspects they face during pregnancy and parenthood? What is the relationship between types of couples and sexuality, in the transition to parenthood? The proposal was to study the dimension of sexuality in the couple's passage to parenthood. The design of the research used the qualitative method of content analysis to answer the questions that guided the development of the work presented here. Interviews were conducted, three personally, three by mail, with six women from upper middle class, who have recently undergone this experience, with no significant differences between the two approaches. Regarding pregnancy and after birth sexuality, prior planning and how to deal with the interruption of sexual life emerged as important. The five interviewees belonging to the profiles of couples, (Love and Love Fellowship Toggle) where partners gave importance to sexuality, taking it as a pillar to the relationship, those parents reported that the birth of their children has transformed the marital routine, and bring then improvement to the relationship. In the profiles, where sexuality is viewed with little importance (in Fellowship Building), the arrival of the first child aggravated sexual problem of the couple, bringing individualism in opposition to individuality. There was great concern with the body related with inhibit of sexual pleasure. Therefore, it is suggested the hypothesis that the types of couples, may come to be associated with different management and sexuality in the face of parenting.

Key words: Sexuality. Conjugality. Parenthood. Pregnancy. After labor.

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Orientações amorosas, dinâmicas de coesão conjugal e algumas variáveis de contextualização (Fonte: Aboim, 2006)	43
Tabela 2 - Descrição sócio-demográfica dos casais. Salvador, 2011	49
Tabela 3 - Relatos: Gravidez e a relação com as alterações físicas	57
Tabela 4 - Tipos de Conjugalidade e transformações na sexualidade	84

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	A PROBLEMÁTICA	11
1.2	A TRANSFORMAÇÃO DA FAMÍLIA DA DÉCADA DE 60 ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.....	12
1.3	OBJETIVO	21
1.3.1	<i>Objetivo Geral.....</i>	21
1.3.2	<i>Objetivos Específicos.....</i>	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1	CONJUGALIDADE NOS TEMPOS ATUAIS.....	22
2.2	A CHEGADA DO PRIMEIRO FILHO	29
2.2.1	<i>A quarentena.....</i>	32
2.2.2	<i>Amamentação</i>	34
2.2.3	<i>Sexualidade do casal e parentalidade.....</i>	37
2.3	UMA TIPOLOGIA DA CONJUGALIDADE: SOFIA ABOIM	41
3	MÉTODO.....	47
4	RESULTADOS E ANÁLISE.....	50
4.1	GRAVIDEZ E PÓS-PARTO	50
4.1.1	<i>O planejamento e o desejo.....</i>	50
4.1.2	<i>Mudanças na sexualidade durante a gravidez.....</i>	53
4.1.3	<i>Métodos contraceptivos no pós-parto.....</i>	54
4.1.4	<i>Relação com o corpo no pós-parto.....</i>	56
4.1.5	<i>Sexo após o parto.....</i>	59
4.1.6	<i>A maternidade e a busca de si própria: o tempo para si mesma e o trabalho no pós-parto</i> <i>62</i>	
4.1.7	<i>O amamentar e a vida sexual no pós-parto.....</i>	70
4.2	TIPOS DE CONJUGALIDADE E A SEXUALIDADE DECORRENTE DA PARENTALIDADE.....	74
4.2.1	<i>Os estudos de caso.....</i>	74
4.2.2	<i>Ensaio de análise da relação entre tipo de conjugalidade e sexualidade e no pós-parto</i> <i>84</i>	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

1.1 A problemática

O objetivo do presente trabalho foi estudar a dimensão da sexualidade do casal na passagem da conjugalidade para a parentalidade, compreendendo como cada casal se comporta nesta transição e como reage com a chegada do primeiro filho.

As mudanças pelas quais tem passado a família refletem-se necessariamente no modo como o casal vivencia e manifesta a sua sexualidade. Parte importante de tais mudanças veio no bojo do que se convencionou denominar “revolução feminista”. Porém, como inúmeros estudos apontam, as mulheres continuam sendo as principais cuidadoras dos filhos e da moradia.

Uma das etapas da vida familiar é a transição para a parentalidade, considerada uma das maiores mudanças que o sistema familiar pode passar. É o momento em que o casal deixa de ser apenas cônjuge e passa a ser pai e mãe também. É um momento difícil onde cada casal vai operar de uma determinada forma, criando padrões de interação e comunicação entre si e agora em relação ao filho (MCGOLDRICK,1995).

Deste modo, pareceu-nos oportuno adentrar na problemática das referidas mudanças pela via do relacionamento sexual conjugal associado à parentalidade recente, isto é, como as mães de filhos pequenos relatam a vida sexual do casal durante a gestação e após o parto. Assim, pode-se indagar: como mulheres de casais de classe média alta e nível universitário estão se colocando ante as exigências da vida contemporânea e da emergência da parentalidade no que isto se reflete na vida sexual do casal? Como seu modo de vida estará se refletindo na intimidade de tais casais? Quais elementos serão por eles evidenciados como importantes na passagem para a parentalidade?

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação, abordaremos a seguir, de modo introdutório, as mudanças da família da década de 60 para a família contemporânea. Tratará da conjugalidade contemporânea, enfatizando a transição

da conjugalidade para a parentalidade e suas implicações. Para finalizar esta parte introdutória, haverá uma explanação da tipologia da conjugalidade de Sofia Aboim (2006) utilizada para analisar como cada casal se comporta a esta transição.

Esta introdução permitirá colocar as principais questões norteadoras deste estudo e, a seguir, seus objetivos. Após esta Introdução, o item seguinte apresenta a fundamentação teórica, consistindo dos seguintes tópicos: a conjugalidade nos tempos atuais; a chegada do primeiro filho; a quarentena; a amamentação; comunicação e sexualidade do casal; e uma explanação mais extensa sobre a tipologia da conjugalidade de Sofia Aboim.

O item seguinte trata do método, explicitando a opção metodológica, a seleção das participantes e o modo de acesso aos mesmos e aos seus depoimentos.

Os resultados serão apresentados por meio de dois grandes eixos temáticos: gravidez e pós-parto; e tipos de conjugalidade e a sexualidade na gravidez e no pós-parto. Os elementos decorrentes da análise sobre a gravidez e pós-parto foram organizados nas seguintes categorias: O planejamento da gravidez e o desejo; Mudanças na sexualidade durante a gravidez; Métodos contraceptivos no pós-parto; Relação com o corpo no pós-parto; Sexo após o parto; A maternidade e a busca de si própria: o tempo para si mesma e o trabalho no pós-parto; A amamentação e a vida sexual no pós-parto.

O eixo tipos de conjugalidade e a sexualidade pós-parto será apresentado por meio de um estudo de caso onde serão narrados, de modo sintético, os seis casos estudados e, após, um ensaio de análise da relação destes tipos com a sexualidade.

Finalizaremos apresentando as considerações finais decorrentes dos itens conforme enunciados anteriormente.

1.2 A transformação da família da década de 60 até a contemporaneidade

Considerando os casais de estratos sócio-econômicos superiores ocidentais, pode-se dizer ter havido um modelo familiar hegemônico do final do século XIX e início do século XX: uma família “ideal”, a nuclear, composta por pai, mãe e filhos, onde o pai era a figura de autoridade e o provedor, cabendo à mulher o papel de “rainha do lar” (PERROT, 1991).

Até a primeira metade deste século, casar significava ter filhos e constituir família (DINIZ, 2009). Para um grande número de mulheres, o casamento seria a única forma permitida de ter acesso à vida sexual. Segundo Benincá e Gomes (1998), em pesquisa realizada com três gerações de mães, a geração da década de 60 descreveu sua criação como controlada pelos pais, que determinavam o melhor comportamento dos filhos através de vigilância e expectativas de adequação.

Este modelo de família começa a perder sua força na segunda metade do século XX quando acontecimentos marcantes acarretaram grandes mudanças nesta estrutura familiar. Por questões políticas de controle de natalidade, estabeleceu-se no Brasil o uso da pílula anticoncepcional e do DIU (Dispositivo Intra Uterino). Desta forma, a ciência contribuiu para a emancipação do desejo de ter filhos da mulher, desvinculando-o do desejo do homem e das obrigações do casamento (TEIXEIRA; PARENTE; BORIS, 2009). Nesse contexto, a sexualidade surge como tema preponderante, rompendo tabus e permitindo o prazer sexual às mulheres sem o risco da gravidez. Estas começam a se olhar de outra forma questionando a sua posição na sociedade e na família (SARTI, 2004) em um processo denominado emancipação feminina e de relações predominantemente igualitárias ou, pelo menos, mais democráticas no casal.

A educação dos filhos passa a ser re-olhada. A mulher, principal cuidadora, procura educá-los dentro da mesma ideologia igualitária, na qual não existiriam papéis previamente estabelecidos, nem uma autoridade maior que deva ser acatada incondicionalmente. Não existiria um referencial de conduta preestabelecido e sim a sensibilidade para avaliar o melhor comportamento nas diferentes ocasiões, geralmente procurando respeitar a liberdade de expressão e experimentação (BENINCÁ; GOMES, 1998).

De acordo com Benincá e Gomes (1998), a modernização social e o abandono dos padrões preestabelecidos de comportamentos, relacionamentos e de valores e crenças, fazem vir à tona dúvidas e insegurança na questão do educar. As mães, então, começam a ler mais livros e revistas sobre educação e vida sexual, a conversar com outras mães, e a tentar entender o comportamento de seus filhos e de seus comportamentos em relação a eles, ao parceiro e a si própria. Procuram também atender aos desejos e necessidades dos filhos, com a intenção de formar adultos sem traumas, emocionalmente estáveis, socialmente adaptados e felizes. Neste contexto, a família passa a apresentar novos formatos, e suas relações internas e externas a se modificar. Este processo está sendo denominado “individualização da família” (SINGLY, 2000).

Roudinesco (2003) aponta o surgimento de diversos arranjos familiares - famílias co-parentais, monoparentais, pluriparentais, biparentais, homoparentais - indicando a família horizontal, fraterna, múltipla, marcada pelo individualismo moderno, influenciada pela ciência, ocorrendo mudanças nos seus papéis com homens mais maternos e as mulheres escolhendo quanto e quantos filhos deseja.

Assim, também Pierron (2009) lança um questionamento quanto ao que seria a família:

As ciências sociais, ao notar o desaparecimento estatístico da “família normal”, concluem contraditoriamente que a nova norma do familiar seria a de não ter uma norma (PIERRON, 2009, p. 6).

Para se definir uma família, é necessário situá-la no tempo e no espaço. Dinâmicas externas e internas fazem dela uma metamorfose constante.

O mundo moderno é cada vez mais ocupado pela referência a um sujeito que está libertado, isto é, que coloca como princípio do bem o controle que o indivíduo exerce sobre suas ações e sua situação e que lhe permite conceber e sentir seus comportamentos como componentes da sua história pessoal de

vida, conceber a si mesmo como ator... aquele que modifica o meio no qual está inserido (TOURAINÉ, 1999, p. 219 /220).

As novas concepções de famílias podem ser caracterizadas como compostas por indivíduos que buscam a cada instante “se encontrar”, questionam suas posições sociais dentro da família e fora dela. Formam vínculos de maneira rápida e o desfazem com a mesma facilidade com que o formaram (GIDDENS, 1993; JABLONSKI, 2003).

Os casais modernos estabelecem novas normas de convivência, mas ainda buscam nas suas raízes um parâmetro para comparar o seu casamento (BERENSTEIN, 2002). Cada um dos dois traz a sua bagagem de vida, de sua história e crenças. O ajuste destas bagagens é um desafio diário para o casal. Estabelecer novas regras e rotinas, aprender a dividir coisas, discutir e saber que vai encontrar o parceiro em casa, apresentam-se como fontes de conflitos para o casal. Uma das questões mais relevante é a sexualidade deste casal após o primeiro filho.

Se a conjugalidade acarreta grandes mudanças na vida de dois indivíduos, a parentalidade traz mudanças a nível sócio-econômico e cultural que acompanham a chegada do primeiro filho, como também uma maior valorização da circularidade das relações (conjugais, familiares) quando desta experiência desenvolvimental, qualitativamente diferente de todas as restantes (SILVA; FIGUEIREDO, 2005).

A transição para a parentalidade implica um conjunto específico de tarefas desenvolvimentais para a mulher e para o homem, particularmente no que se refere aos relacionamentos significativos a nível individual, do casal e da família. Impõe, por um lado, a nível individual, a revisão dos papéis da infância e dos modelos de interação observados com e entre os pais, e, por outro lado, ao nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebê (SILVA; FIGUEIREDO, 2005).

De acordo com Brasileiro, Jablonski e Feres-Carneiro (2002), a transição para a parentalidade é uma das transições mais crítica para o casal. Nas outras transições o processo é mais gradual, havendo preparação como, por exemplo, a passagem da

vida adolescente para a vida adulta.

“A transição para a parentalidade implica um conjunto específico de tarefas desenvolvimentais para a mulher e para o homem, particularmente no que se refere aos relacionamentos significativos a nível individual, do casal e da família. Impõe por um lado, a nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebê” (FIGUEIREDO, 2006, p. 4).

A gravidez é um processo biológico que repercute no aspecto social, econômico, emocional, psicológico e sexual do homem e da mulher (ORLÁ; ALVES; SILVA, 2004). Na gravidez, muitos adultos já se sentem pais e mães, sendo nesta fase que se criam sonhos, expectativas diante do novo que há por vir que é a criança. Pode tornar-se um momento mágico na vida do casal; porém, esta fase gravídica vem acompanhada por mudanças bruscas podem acabar acarretando numa crise conjugal.

O período gravídico traz muitas mudanças internas e externas ao corpo da mulher. Este vai se prepara para assimilar aos ritmos metabólicos, hormonais e fisiológicos da mulher. As alterações biológicas e físicas passam por variações ao nível de secreção hormonal, da estrutura e da função dos órgãos reprodutores (SILVA; FIGUEIREDO, 2005, p. 4).

Os nove meses de gestação são caracterizados por uma rápida alteração hormonal marcada por um elevado aumento da produção de estrogênios e progesterona, assim como por uma diminuição das gonadotrofinas. É ainda estabelecida uma particular ligação entre as glândulas que produzem adrenalina na gestante, os ovários e a placenta. A estrutura e o tecido conectivo e de ligação, amaciam a estrutura pélvica, dando-lhe flexibilidade e impedindo-a de perder parte da sua estabilidade. Registram ainda algumas alterações ao nível capilar e da pele, verificando-se também um aumento ao nível do volume do coração e uma diminuição da atividade intestinal. É ainda freqüente um aumento da contração da bexiga e da sua reatividade. As mudanças mais visíveis passam obviamente pelo

nítido aumento do volume abdominal e dos seios. Às alterações corporais que se sucedem ao longo da gravidez, associam-se por vezes sentimentos de perda da auto-estima devido a percepções subjetivas de fraca atratividade física e incapacidade de sedução (SILVA; FIGUEIREDO, 2005, p. 4).

O casal, ao se descobrir grávido, procura assimilar suas crenças a esta nova realidade e realizar vários re-arranjos, tanto físico-espaciais quanto sócio-psicológicos. Da mulher que muda de forma, que está com os sentimentos alterados, com a libido passando por oscilações e as outras mudanças acima relatadas. Nesta fase, o casal vai lidar também com as novas despesas que antes não existiam na vida a dois: a compra do enxoval do bebê, a arrumação do quarto, os exames periódicos da mulher e, em alguns casos, a mudança de casa para um novo lar onde comporte mais um integrante da família.

Maldonado (1997) afirma que a gravidez pode integrar e aprofundar o relacionamento conjugal, como também pode romper uma estrutura frágil e neuroticamente equilibrada; por exemplo, quando a mulher quer excluir o marido de sua vida ou quando o homem sente intensos ciúmes do filho que vai nascer da mesma forma que sentiu em relação aos irmãos mais novos, ou ainda quando a mulher não superou sua dependência infantil em relação à própria mãe, ou até por se sentir inferior enquanto mulher, sendo assim a gravidez um motivo de desequilíbrio para o casal.

O casal vai aprender a incluir um novo membro nesta família; porém, vai precisar deixar espaço para uma nova configuração da vida conjugal. No entanto, quanto tempo levarão os casais, pais de primeira viagem, para se acostumarem à nova mudança de ritmo de vida? Como lidarão com a diminuição do tempo para o casal? E com a problemática em relação ao trabalho feminino externo à casa? Como a mulher lida com a sua inquietação de voltar à antiga forma e ao receio da perda de seu poder de sedução? E a questão da amamentação em relação a seios eróticos hoje intumescidos de leite? Como esta mulher lida com a sexualidade? Como o homem responde a esta nova mulher? Como os casais contemporâneos estão lidando com a sua sexualidade após o primeiro filho? Estas inquietações são a origem do presente trabalho, que buscou compreender a dinâmica da sexualidade

do casal após o primeiro filho.

Como ocorrerá esta transição em cada casal específico? Uma das marcas do movimento de modernização das sociedades ocidentais é a construção social do sentimento amoroso, resultado da modernidade onde a individualização das famílias se torna cada vez mais intensa, refletindo a mudança na situação das mulheres, a variedade dos tipos de famílias, a reconstrução do ciclo de vida tradicional. Dentro deste âmbito, o indivíduo se vê dividido entre a liberdade individual e as gratificações amorosas de uma vida a dois (ABOIM, 2006).

Pode-se pensar que este sentimento amoroso da modernidade seria consequência da individualização, que colocou a conjugalidade num grau de maior importância. Assim, como o indivíduo se vê dividido, o casal contemporâneo ver-se-ia dividido entre um ideal de fusão afetiva, onde existem sonhos de felicidade pessoal, e o investimento na realização individual (ABOIM, 2006).

Aboim (2006), cita Neyrand (2002), ao falar que o imaginário do casal é marcado por tendências aparentemente contraditórias, configurando o que alguns entendem por *paradoxo conjugal contemporâneo*. Neste paradoxo, os casais se baseiam muito mais no afeto do que nos aspectos patrimoniais, econômicos ou genealógicos, antes essenciais na sua institucionalização. Por outro lado, a individualidade ganhou muita importância, tornando-se independente do casal e da família.

“Para Singly (2000), os indivíduos querem ser *livres em conjunto*: desejam ter uma vida conjugal (ser com o outro), da qual depende sobremaneira a construção das suas identidades, e uma vida pessoal autônoma (ser a sós). O autor utiliza mesmo o termo *dupla vida* para aludir a este paradoxo do individualismo contemporâneo” (ABOIM, 2006, p. 802).

Para Aboim (2006) o casal pode se formar a partir da fusão ou da autonomia. Na fusão, a primazia é dada ao *nós*, unindo recursos, tempos, espaços e até identidades. Já na autonomia, é a preferência do *eu*, onde tenta se preservar as diferenças, particularidade e espaço-tempo de cada um, sendo que entre um e outro

muitas conjugalidades são possíveis. Diante disso, Aboim (2006) propõe uma hipótese em seu artigo *Conjugalidade, afetos e formas de autonomia individual*, nos seguintes termos: considerando as conjugalidades atuais formadas por afetos e também por obrigações e rotinas do cotidiano, quais seriam as possíveis articulações entre orientações amorosas (a paixão, o amor, a amizade, o companheirismo) e interações conjugais? A autora traz, deste modo, a articulação entre a sentimentalização da vida do casal e a individualização, identificando formas variadas de construção feminina face ao *nós* casal, ligando-as às orientações amorosas veiculadas pelas mulheres.

Investigando a autonomia feminina na conjugalidade, a autora procurou saber o que une o casal e o que o separa em seguida. No primeiro caso, privilegiou a área de fusão conjugal (intimidade afetiva, produção da vida material, concretização do projeto familiar), as relações de gênero do casal (complementaridade de papéis, procura de igualdade), ou ainda o peso dado ao *nós* casal e ao *nós* família. Analisou a percepção da mulher sobre si mesma, o significado atribuído à profissão e o tipo de autonomia produzido dentro da conjugalidade (ABOIM, 2006).

Sofia Aboim, ao longo de anos de pesquisa e estudos, investigou os modos de integração do indivíduo no grupo (a autonomia e a fusão) e a natureza da relação entre o público e o privado (fechamento ou abertura ao mundo exterior).

Como uma vasta literatura sociológica demonstra, os primeiros anos de vida em comum e a transição para a parentalidade têm, na construção da relação conjugal, um enorme impacto, reorganizando posições de gênero, lógicas afetivas, fusões, autonomies, trabalho e lazer, numa palavra, as maneiras de fazer o cotidiano. (ABOIM, 2006, p. 279, rodapé 115).

Aboim (2002) propõe tipos de conjugalidade. Três desses tipos pareceram importantes para a pesquisa em pauta: *Companheirismo de apaixonado*, *Amor de "alternância"* e *Companheirismo em Construção*.

O primeiro tipo, *companheirismo de apaixonado*, existe uma atração muito forte

entre os conjugues, uma valorização da paixão: uma relação onde existe uma construção permanente, uma importância da sexualidade, uma procura de igualdade de gênero, fusão emocional, intimidade, comunicação, apoio. Aqui a autonomia feminina interior é mínima, apenas alguns pensamentos não são partilhados. A família é mais importante que a profissão, mas a profissão também pode ser algo gratificante e realizador caso aconteça. Existe uma ausência de atividades individuais femininas. Para Aboim (2002), este casal se caracteriza por um nós casal/nós família, ou seja, por uma valorização da conjugalidade e da parentalidade, deixando de lado a individualidade, o eu.

No segundo tipo, *amor de "alternância"*, os indivíduos preservam a sua autonomia, pois a própria construção de intimidade surge dependente da paridade e da negociação entre ambos os parceiros. Não se trata de uma tensão entre o individualismo e fusão amorosa, mas de uma intimidade baseada na independência pessoal, na igualdade e na gestão de diferentes pertencas e instancias de realização do *self*. A relação amorosa conjugal é, por excelência, a alteridade valorizada.

No terceiro tipo, *companheirismo em construção*, as mulheres pensam que o "estar apaixonada" tem ainda hoje uma forte conotação fusional, ligando-se a autonomia pessoal à construção de formas de afetividade "amicais" que consideram menos intensas e, por isso, também menos exigentes em matéria de disponibilidade pessoal. Um companheirismo visto como dinâmico, mutável, em constante renovação. Uma relação sempre em construção, onde a transformação do sentimento conjugal teve como contrapeso uma também progressiva individualização feminina, produzida, a dado momento do percurso conjugal, pela estratégia e conscientemente formulada de autonomia pessoal. O que é importante salientar aqui é que o ideal feminino não é apenas ser mãe, apenas esposa ou profissional, mas sim uma combinatória equilibrada destes papeis, num mesmo nível de importância subjetiva. O desejo de ser perfeita em todas estas funções coloca uma carga de exigência muito pesada sobre a mulher.

Portanto, a partir do exposto, pode-se indagar: Cada casal tem suas peculiaridades que lhe são próprias e sua maneira de "conjugar"? Como se organiza cada casal e quais ferramentas ele utiliza para lidar com a grande mudança que é a chegada do

primeiro filho? Como o casal se comporta, vive, e se relaciona, antes do primeiro filho? O filho faz eclodir uma situação conjugal que já existia antes da sua chegada? Como se define a sexualidade de cada casal face à tipologia de Aboim (2002)? Outras mudanças poderiam ocorrer e o casal mudar radicalmente também a sua maneira de se relacionar e viver a sexualidade, não conectado à chegada do filho?

A partir das considerações acima, tomamos por objeto de estudo a transição da conjugalidade para a parentalidade, focalizando a vida sexual do casal, unindo as definições de Sofia Aboim com as possíveis repercussões na sexualidade antes da parentalidade.

Estas inquietações levaram a entrevistar mulheres de classe media alta e nível educacional superior, com uma característica importante em comum: a passagem da conjugalidade para a parentalidade.

1.3 Objetivo

1.3.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral estudar a dimensão da sexualidade do casal na passagem da conjugalidade para a parentalidade.

1.3.2 Objetivos Específicos

- i. Identificar as implicações da chegada do primeiro filho na vida sexual do casal atual segundo a ótica da mulher.
- ii. Analisar os aspectos psicológicos e psicossociais envolvidos no processo gravídico e da parentalidade na vida do casal segundo a ótica da mulher.
- iii. Identificar possíveis relações entre tipos de conjugalidade e sexualidade na passagem para a parentalidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conjugalidade nos tempos atuais

Da família nuclear para a família contemporânea, várias mudanças têm sido relatadas.

O controle cotidiano da sexualidade feminina nas sociedades de tradição patriarcal acompanhou a ascensão da ideologia da família nuclear, que passou a funcionar como um dos principais meios de organizar as relações sexuais entre os gêneros. (...). Nos últimos trinta anos, assistimos à crescente participação de mulheres no trabalho remunerado e no orçamento familiar, junto com uma aceitação social da atividade sexual feminina não-reprodutiva e fora do casamento ... à celebração de uma "nova mulher" que deve trabalhar fora para ser "independente", controlar sua fecundidade e ser ativa sexualmente. (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005, p. 2).

A mulher contemporânea de classe média brasileira e mãe de família caracteriza-se, atualmente, como uma mulher que precisa ter uma "dupla-jornada" de trabalho, tendo responsabilidades domésticas e provisão material da família (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005). A figura do homem, há 30 anos atrás, era caracterizada como alguém que não precisava manter um diálogo familiar, principalmente com os filhos, e estava distante da esfera doméstica destinada apenas à mulher (GOMES; RESENDE, 2004).

Este panorama vem-se modificando; porém, a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação de valores. O homem foi surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade, antes de conseguir compreender e apreender esta nova configuração familiar.

O modelo de família, organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, é substituído por formas

diferenciadas de organização, sem deixar lugar para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia domínio sobre o grupo. A mulher, de modo submisso, tinha os afazeres da casa e o cuidado com os filhos, como ocupação exclusiva. Embora tais transformações repercutam na concepção de paternidade, subsistem, ainda, no imaginário social, marcas da estrutura tradicional (RESENDE, 1997).

Este novo panorama indica uma tendência a uma atualização das desigualdades de gênero. O afastamento do modelo tradicional de conjugalidade e, conseqüentemente, a flexibilização e abertura para explorar novas formas de relacionamento, caracterizam o momento atual. "O casamento moderno dá ênfase à relação pessoal entre marido e mulher..." (DINIZ, 2009, p. 142). O casal contemporâneo busca hoje no casamento, além de filhos, a realização pessoal, cumplicidade e companheirismo (DINIZ, 2009).

De acordo com Perlin e Diniz (2005), em sua pesquisa sobre a satisfação no casamento de homens e mulheres que optaram por relacionamentos de duplo trabalho, o casal contemporâneo busca alcançar o sucesso e satisfação financeira e sexual. Como hoje a maioria dos casais tem "dupla jornada" de trabalho, considera atingível esta construção do patrimônio familiar. "Já a realização sexual fica comprometida pela carga de controle, prescrições, estereótipos de gênero e conflitos de valores que cerca a vivência da sexualidade" (DINIZ, 2009, p.144).

A palavra "conjugalidade" é um neologismo derivado da palavra conjugar, que dá a idéia de união, de ligação entre duas pessoas, sem necessariamente, a existência de um contrato formal entre elas. O surgimento de neologismos como conjugalidade se deve, em parte, às amplas e profundas transformações sociais e culturais pelas quais vem passando a família na atualidade (DIEHL, 2002, p. 137).

O tempo da conjugalidade e da vida cotidiana se precarizou em proveito do tempo longo da filiação. O vínculo conjugal se tornou condicional e negociável, enquanto o vínculo da filiação é percebido como incondicional: o tempo curto da vida se

separou do tempo longo da transmissão geracional (PIERRON, 2009, p. 1/2).

“O atual momento social é descrito como uma era cujas mensagens e fenômenos são confusos, fluídos e imprevisíveis” (FERES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009, p. 83). De acordo com estas autoras, os relacionamentos atuais são descartáveis e efêmeros, e as pessoas vivem um sentimento paradoxal de tornar um relacionamento intenso e duradouro para aliviar uma sensação de insegurança, mas ao mesmo tempo têm o desejo de deixá-lo desprendido. Isso porque outra característica atual é a busca de satisfação dentro da relação e o espaço para a individualidade marcando bem a igualdade dos gêneros, e não mais o casamento como uma condição natural. Com isso, pode-se observar uma explicitação da homossexualidade, um aumento no número dos divórcios e de recasamentos, bem como o surgimento da não obrigatoriedade de ter filhos e da coabitação como regra conjugal.

Os casais modernos estabelecem novas formas de convivência, mas ainda buscam nas suas raízes um parâmetro para comparar o seu casamento (BERENSTEIN, 2002).

A contemporaneidade é marcada por mudanças nas representações, nas práticas e nas identidades sexuais que vêm ocorrendo. Os fatores que desencadeiam estas mudanças são: a crise na família nuclear, a autonomia da mulher e sua entrada no mercado de trabalho, a sexualidade não mais vista apenas para reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade (ARÁN; CORREA, 2004 apud FERES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009).

Uma nova forma de se relacionar vivenciada muito por adolescentes seria o “ficar”. Neste tipo de relação não existe o compromisso e apego. O que vale é a satisfação do prazer momentâneo. Um utiliza o outro e depois descarta, como se fosse uma experimentação antes de se comprometer em um relacionamento sério. Fazendo uma comparação com a década de sessenta, os namoros eram longos seguidos de noivados e só após o casamento. Hoje já não existe esta regra. O ficar acontece, o

namoro, em seguida o morar junto ou casar em seguida. Ou a ordem pode ser outra também ou qualquer uma destas etapas pode ser pulada.

“...o ficar ganha sentido na sociedade urbana contemporânea na medida em que o que está em jogo é a autossatisfação e a evitação da frustração que poderia decorrer de um compromisso afetivo com o outro. Assim, há uma espécie de negação da alteridade, em prol de objetivos narcísicos, tornando o outro “descartável”, facilmente substituível caso não corresponda a certas expectativas. o “Ficar” é classificado pela autora como beirando a “antipaixao”, quando comparado com amor romântico, que implica em um envolvimento afetivo, carregado de sentimentos em relação ao outro” (FERES-CARNEIRO, 2011 p.10).

O relacionamento virtual também vem marcar a nossa atualidade. As pessoas se conhecem pelo computador e depois passam para o real. Porém, em muitos casos continua virtual até no momento do sexo. Faltam pesquisas ainda sobre este tipo de relação, mas já se pode notar um aumento de salas de bate papo e encontros amorosos virtuais, o que marca a internet interferindo no mundo social.

Segundo Sales (2011), percebe-se facilmente que as novas tecnologias da informação e comunicação estão permeando o cotidiano da contemporaneidade. Hoje é quase que impossível realizar algumas atividades diárias sem utilizar apetrechos tecnológicos como: computador, internet, celulares, TV e etc. Ao se realizar uma pesquisa nos dias atuais, está implícito que serão utilizadas algumas destas ferramentas tecnológicas. A internet é uma delas, que possibilita ao indivíduo estar no mesmo tempo em espaços diferentes em contato com outra pessoa.

Apoiada em vários autores, Sales (2011) afirma que, na internet, são vividas experiências sociais, políticas e culturais em que o conteúdo é gerado por usuários em interação. Deste modo, o conteúdo gerado por usuários em interação desempenha importante papel na construção de significados e símbolos a partir dos quais o sujeito expressa seus sentimentos e constrói julgamentos. Trata-se, assim,

de uma tecnologia contemporânea que modificou, e modifica constantemente, a forma como as pessoas interagem e constroem significados. Caracteriza-se, também, pela conexão de uma rede de computadores. Essa conexão em rede, por sua vez, cria um espaço denominado Ciberespaço que se torna um espaço de comunicação, (re)configuração de identidade, sociabilidade, e também palco para o desenvolvimento de um —conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores— caracterizando a existência de uma cultura (SALES, 2011).

A Internet seria, então, um artefato cultural em decorrência da disseminação da produção e do consumo do discurso em várias regiões, chamando atenção para os diferentes significados dos distintos contextos culturais e para as negociações sociais. Ainda segundo a autora, a Internet, considerada artefato cultural, seria um repositório vivo de significados compartilhados e produzidos por uma comunidade de idéias. Neste cenário, merece destaque a maneira de se socializar na contemporaneidade através de plataformas de redes sociais. As mulheres têm utilizado bastante este espaço para socializar e trocar informações.

Na pesquisa que Sales (2011) realizou sobre *Transição na maternidade em narrativas sobre amamentação numa comunidade de mães do Orkut*, a mesma achou dados sobre a utilização da internet no Brasil, segundo os quais as mulheres representam 47% dos usuários ativos na internet brasileira. O uso das redes sociais entre mulheres (32%) também é um dado que chama atenção: 93% das entrevistadas acessam e participam de alguma rede social virtual. Pode-se verificar, assim, que o avanço tecnológico nas áreas de comunicação e informação influenciaram fortemente a cultura feminina já que desde o acesso liberado para as mulheres ao uso das tecnologias, fizeram com que estas pudessem invadir um espaço que antes era apenas dos homens.

Como foi explicitado anteriormente, ao utilizarem a internet como meio de comunicação as mulheres e homens passam a se relacionar por eles, marcando uma nova era da conjugalidade intrincada com a tecnologia. Relacionamentos que começam sem contato físico e que podem terminar desta mesma forma, num simples, imediato e rápido e-mail. Bauman (2003) chama o panorama social da

atualidade de “modernidade líquida”, em que mensagens e fenômenos são confusos, imprevisíveis e fluidos. Assim, os sentimentos e relacionamentos são descartáveis, com o objetivo de ter uma sensação de segurança e autonomia.

As pessoas se separam porque não encontram significado para a sua relação. Ao darem tanta importância para as suas relações, esperam que delas venha toda a satisfação esperada. Quando esta não ocorre, a separação acontece como uma melhor opção. Atualmente há, no Brasil, a separação legal de apenas um dia, o que facilita o processo. Como se busca esta satisfação nas relações, tornaram-se mais comuns também os recasamentos, configurando um novo tipo de arranjo familiar. Nestas, as regras são mais flexíveis e os limites mais permeáveis. Resultam em relações mais complexas (FERES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009).

O homem e a mulher se diferenciam ao buscar um relacionamento conjugal. Ambos têm anseios distintos e concepções diferentes. Com isso, conflitos podem ser gerados. Como homens e mulheres querem sua individualidade em paralelo à relação conjugal, é comum ver-se casamentos se desfazerem não por falta de amor e paixão, mas porque, junto com estes, não têm compatibilidade de interesses em comum. De acordo com Nichilo (1995, p. 155), em análises confiáveis, a mesma verificou que “em toda união conjugal há dois casamentos, o dele e o dela, nem sempre coincidentes”. Numa crise conjugal, as mulheres ficam mais frustradas que seus maridos, e acabam vivendo o sexo como obrigação, e a maternidade, como solidão (NICHILLO, 1995, p. 155).

Diante de um panorama social que apresenta múltiplas conjugalidades que se constroem, se desconstroem e se reconstroem em seguida, num ritmo acelerado, torna-se cada vez mais importante o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem a compreensão sobre as questões relacionadas ao laço conjugal e aos diversos arranjos conjugais contemporâneos. (FERES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009, p.101).

Uma marca do casamento atual é que homens e mulheres são exigidos e exigem-se demasiadamente para atender as demandas que muitas vezes são conflitantes,

como as demandas de participação e sucesso no mercado de trabalho, de valorização e apoio pelo crescimento individual do(a) parceiro(a) (DINIZ, 2009).

De acordo com Singly (2000), o período do final dos anos 60, no qual ainda vivemos, caracteriza-se pelo estabelecimento de um compromisso entre a vontade dos indivíduos em se tornarem autônomos e seus anseios em continuar a viver, na vida privada, com uma ou várias pessoas próximas. Ele chama esta família de “individualista e relacional”. Já o período anterior – do início do século XX até os anos 60, foi marcado por uma construção de uma lógica de grupo, baseada no amor e no afeto. Essa família se caracteriza também pelo fato dos adultos estarem a serviço da família e das crianças.

O homem vai ao trabalho e deve ter sucesso. É a sua missão como “pai”. Enquanto que a mulher deve ficar em casa deixando o ambiente agradável, cuidando do esposo e das crianças, preocupando-se com a felicidade de cada membro da família. Singly (2000) nomeia esta família como “feliz”, onde cada uma das pessoas que dela fazem parte é feliz. No casamento, busca-se atender a todos estes objetivos, ganhando grande importância na vida destas pessoas.

Singly (2000) faz uma comparação das famílias atuais das quais ele nomeia de “modernas 2” com esta família dos anos 60, que ele chama de “modernas 1”. O autor coloca que as duas não são tão diferentes; pelo contrário, a lógica do amor se impôs ainda mais: os cônjuges só ficam juntos sob a condição de se amarem; os pais devem ainda dar mais atenção aos seus filhos. A família “moderna 2” se distingue da anterior pelo peso maior dado ao processo de individualização.

Desta forma, o foco não é mais o grupo reunido, são os membros que dele fazem parte.

A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos, onde o «eu» reivindica cada vez mais o primeiro papel, fazendo com que homens e mulheres mudem suas maneiras de idealizar e viver o cotidiano de suas vidas. A família se tornou então para o autor, convidativa, pois permite o reconhecimento de uma pessoa enquanto pessoa. A relação amorosa ou afetiva é vista como um espaço

favorável à manifestação progressiva da identidade pessoal, fazendo com que não exista o sufocamento dentro da relação. Cada um busca a fórmula mágica que lhe possibilite ser “livre junto”.

“Independente da sua estrutura e configuração, a família é o palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana. É o lugar onde é possível a convivência do amor e do ódio, da alegria e da tristeza, do desespero e da esperança” (WAGNER, 2002, p. 35).

2.2 A chegada do primeiro filho

De acordo com Zittoun (2004), períodos de transição são períodos que se seguem a eventos que desafiaram certas rotinas ou situações dadas como certas. Estes eventos podem ser considerados como rupturas no fluxo regular da experiência. Na vida adulta, as transições podem se seguir a uma mudança interior da pessoa, algumas mudanças em seu meio, ou sua relocação em outros ambientes (mudança de profissão, mudar de país). As transições podem seguir eventos sociais mais amplos, onde as rupturas demandam processos de reposicionamentos, e podem convidar a novas aquisições, compreensões e redefinições pessoais. Durante as transições, as pessoas podem usar elementos simbólicos como recursos.

A chegada do primeiro filho é uma das maiores transições na vida: a transição para a parentalidade, em que o posicionamento de cada dos futuros pais é alterado quer socialmente – face às expectativas sócio-familiares e ao próprio *status* social como genitor - quer pelas expectativas as geradas intra-subjetivamente e inter-subjetivamente no referente ao casal.

Ainda de acordo com a Zittoun (2004), um período de transição é quando algumas representações, rotinas ou identidades tomadas como certas são colocadas em questão. Algumas atividades, ligadas à construção de significado, demonstram como cada pessoa lida com a transição. Existem três tipos de mudanças para as quais recursos são requeridos:

- 1- Desenvolvimento e aquisição de capacidades e conhecimentos específicos teóricos, práticos e sociais, permitindo agir, comunicar, legitimar, comporta-se e pensar em uma nova posição.
- 2- A redefinição de identidades, envolvendo a construção e mobilização da representação de si próprio no passado e possíveis *se/ves* num futuro em uma dada locação sócio-cultural. Estas representações se baseiam em memórias pessoais e representações sócio-culturais, moduladas por locações específicas. Redefinições estão limitadas pelo sentido de consistência e continuidade pessoal.
- 3- A construção de um significado pessoal da própria transição e de seus componentes, e a inscrição deste significado em uma narrativa pessoal geral, não necessariamente verbal. Tais significados requerem uma elaboração de prolongamentos parcialmente inconscientes da própria experiência corporal e emocional.

Ao nascer o primeiro filho, ocorre uma mudança de identidade social e pessoal, em que há uma mobilização de memórias pessoais e representações sócio-culturais que podem ou não caminhar na mesma direção para os membros do casal. Cada membro do casal é obrigado a construir novas significações dado a sua identidade ter se tornado “incerta” e a realizar aprendizados quanto ao modo de lidar com a novidade que este nascimento representa.

Carter e McGoldrick (1995) consideram que a família muda através do tempo intergeracionalmente e que não existem normas rígidas, ou seja, não se pode considerar normal só o que está dentro da regra, pois se assim fosse estaria patologizando o que fugisse do que considerando normal.

As autoras consideram o ciclo de vida familiar dividido em seis estágios:

- 1- Jovens solteiros
- 2- O novo casal

- 3- A transição da conjugalidade para a parentalidade
- 4- Famílias com filhos adolescentes
- 5- Lançando os filhos e seguindo em frente
- 6- Famílias no estágio tardio da vida.

Embora tal ciclo dificilmente possa ser reconhecido atualmente devido aos recasamentos e outras transformações na vida conjugal em relação à parentalidade, ele continua a ter certa pertinência se considerarmos ciclos se iniciando e finalizando de modo não linear qual seja, em temporalidades múltiplas.

As autoras sugerem que para que este sistema retorne a um estado de equilíbrio denominado homeostase, os cônjugues devem se ajustar para criar espaço para os filhos, unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas e realinhar os relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

De acordo com Carter e McGoldrick (1995), o espaço para os filhos na vida do casal contemporâneo é difícil de criar, já que a força de trabalho se tornou mais equilibradamente povoada por homens e mulheres e não houve uma considerável reavaliação da vida doméstica. Os homens muitas vezes se entusiasmam mais com a gravidez do que com suas esposas. A mulher hoje está mais consciente de seu papel como sobrecarregado pela maternidade devido a uma jornada frequentemente tripla.

Rocha-Coutinho (2003), em uma pesquisa realizada com casais cariocas, obteve como resultados que as mulheres entrevistadas atribuíram grande importância à maternidade, e a um relacionamento afetivo estável. Para a maioria delas, a chegada dos filhos pode interferir bastante na vida profissional. Mesmo quando o salário da mulher é superior ao do homem, muitas vezes o comportamento continua tradicional, considerando o dinheiro que a mulher ganha como adicional, enquanto o homem continua sendo o principal provedor financeiro da casa. Do mesmo modo, a

atuação do homem na esfera doméstica continua a ser vista como apenas uma ajuda, ou seja, ele não compartilha tarefas, a mulher “delega” tarefas ao marido.

Porém, pode-se supor que alguns casais conseguem se ajustar e programar a chegada do primeiro filho. A maioria já estabeleceu um bom nível econômico e uma satisfação profissional. Viajam e conseguem ter tempo para o casamento, para a individualidade e para o círculo social. Quando resolvem ter um filho, percebem que têm que abdicar de algumas coisas durante certo tempo (BAWIN-LEGOS, 2006).

Na gravidez, a mulher já apresenta uma alteração hormonal. Muitas mulheres apresentam uma falta de libido, o que leva a uma ausência na vida sexual do casal, acompanhada de culpa e de preocupação de não estar satisfazendo o marido, e que este pode buscar fora, numa relação extraconjugal, o que não encontra em casa.

Depois do nascimento do bebê, o primeiro trimestre seguinte é considerado como quarto trimestre, fazendo parte da gravidez. Durante este período, ocorrem mudanças endócrinas mais abruptas do que as mudanças hormonais da puberdade, os ciclos menstruais ou a gravidez. Com isso, acontecem mudanças no afeto e na instabilidade que tornam a nova mãe mais vulnerável à resposta de seu marido, da família ampliada e de seu bebê.

2.2.1 A quarentena

Os estudos enfocando o tema maternidade tendem a se concentrar na gestação e no parto, prosseguindo por aleitamento. No entanto, contemplar o resguardo ajudaria a ampliar a abordagem sobre este tema, principalmente por ser este momento uma transição entre uma instância obstétrica, hospitalocêntrica ou de acompanhamento por parteiras ou por dolas, para uma instância que ocorre no lar, ou seja, internamente, em seus dois sentidos possíveis: na instância doméstica e íntima, e na intimidade da vida corporal da mãe. Há como uma ruptura e uma continuidade entre esses dois momentos tão marcantes: o imediatamente anterior ao nascimento de um bebê e o subsequente da mãe e bebê em sua moradia.

Durante um longo período que vem desde os povos “pré-históricos” até propriamente o início da Idade Moderna, as mulheres tinham de realizar inúmeras tarefas e a mortalidade materna, segundo Knibiehler (2004, p. 39) devia-se, não tanto às parteiras, mas ao estado nutricional e geral das mães muito depauperadas. Assim, entre os Kung, um povo de caça e coleta que vive ainda no deserto de Kalahari, África, havia uma regra de conduta privada de interdição à relação sexual durante o primeiro ano de vida da criança. Seu objetivo seria impedir uma nova gravidez – muito mal acolhida pelo fato de tratar-se de um povo nômade, e a criança ser carregada pela mãe – como também concentrar os cuidados na mãe e na criança, inclusive do pai (KONNER, 1981).

Segundo Knibiehler (2004), quando as mães realizavam tarefas cotidianas muito pesadas, a mulher se enfraquecia ainda mais, “e seu leite se empobrecia: causa maior da mortalidade infantil” (p. 42). Onde se acrescentava outro impedimento: aos “direitos do marido”. Havia um dito muito difundido, “o esperma estraga o leite”, donde as relações sexuais deveriam ser evitadas durante o aleitamento. A dentição marcava a retomada das relações sexuais. Portanto, seja para preservar a vida da mãe, seja a do bebê, ou por questões de sobrevivência do grupo de pertencimento, condições sociais, códigos culturais, religiosos e médicos foram utilizados indicando restrições quanto às relações sexuais, além de vários outros cuidados.

Costa (2001) cita Rattiner (1998), ao falar que nos últimos 35 anos formou-se a ideia de risco obstétrico nos hospitais. As gestações foram classificadas de acordo com seu risco, baixo, médio e alto. Conseqüentemente, a gestação e o parto deixam de ser um processo fisiológico e natural e passam a ser um processo que pode existir risco e ser considerado patologia necessitando de intervenções.

O pós-parto ou o puerpério é o período do ciclo grávido puerperal, que vai da eliminação da placenta ao retorno do organismo materno às condições pré-gravídicas. Costa (2001) coloca que os autores têm diferentes opiniões quanto ao tempo de duração do pós-parto, mas os médicos atualmente concordam que seria de 40 dias, o que o senso comum chama de quarentena.

Nos primeiros dias após o parto a parturiente está muita sensível e exposta a crises,

já que a mesma encontra-se com labilidade emocional e emoções fortes e variadas. Pode ocorrer uma depressão pós parto, ou apenas apreensão com esta nova realidade, variando de nível de mulher para mulher (COSTA, 2001).

Neste período, ela vai enfrentar ajustamentos psicológicos e fisiológicos. A reparação do canal de parto, a involução uterina, o retorno do organismo as suas atividades normais do período pré gravídico, a transição para a maternidade muito repentina, bem como a responsabilidade pelos cuidados da criança, para os quais muitas vezes não existe preparação suficiente. Além do mais, a mulher necessita de orientações de cuidados pra si mesma e para o bebe e normalmente passa pouco tempo no hospital (BURROUGHS, 1995b *apud* COSTA, 2001).

Os médicos solicitam que, durante este período, as parturientes não façam atividades físicas puxadas, abstinência sexual, repouso que vai virar o tempo dependendo do tipo de parto se for cesárea ou normal, alimentação, cuidado com os seios e entre outros cuidados. O que merece uma maior atenção neste tópico é referente à abstinência sexual. Muitos homens tentam diminuir este tempo da quarentena por sentirem a falta da atividade sexual. As mulheres, por sua vez, temem a perda do marido num momento em que estão sensíveis e com baixa auto-estima deixando, ao mesmo tempo em que não sentem vontade de fazer sexo, pois se sentem muito envolvidas com o bebê.

Estes sentimentos contraditórios mobilizam o imaginário destas mulheres misturando com crenças criadas a partir de sua herança cultural familiar, de conversas com outras mulheres, elevando o nível de ansiedade, num período em que precisariam estar tranqüilas para a formação do leite e a amamentação. Alguns estudos sugerem que a ansiedade, o nervoso e outras emoções podem afetar na quantidade e qualidade do leite.

2.2.2 Amamentação

“A promoção do aleitamento materno é uma estratégia chave

para a sobrevivência da criança, tornando-se importante quer nos países desenvolvidos quer nos países em desenvolvimento. Como refere Carvalho (1997), o leite materno é um patrimônio de alto valor biológico que deve ser promovido, protegido e apoiado por todos” (PEREIRA, 2008).

O ato de amamentar sempre esteve presente na história da humanidade, como elemento natural de perpetuação da espécie. Nos dias atuais, com a crescente necessidade de promover estilos de vida saudáveis, a prática do aleitamento materno é considerada de suma importância, sendo levado como prioridade para as mulheres.

Amamentar é considerado por muitos como um momento mágico entre a mãe e o filho. Sendo uma ação de uma intimidade muito forte, trás benefícios para a mãe e para o bebê, tanto do ponto de vista psicológico, biológico, e/ou social. Uma parturiente que amamenta sente que o vínculo mãe-filho torna-se mais intenso fazendo com que se sinta mais segura e menos ansiosa. A amamentação permite acelerar a recuperação no período pós-parto, estimula contrações que facilitam a involução uterina, diminuem as perdas hemáticas e conseqüentemente diminui o risco de anemia (SANTOS, 2004).

Como o leite materno está sempre pronto e numa temperatura ideal, também é para a mãe menos uma despesa, poupando-lhe tempo como também recursos, incluindo os econômicos (SANTOS, 2004).

De acordo com Abraão (2006), a amamentação não é uma prática simples, nem instintiva, ou incorporada ao conhecimento da mulher. Esta precisa ser aprendida e entendida pelos profissionais que acompanham a parturiente como por ela mesma. Estes profissionais devem ter formação e informação suficiente para atender a mãe neste período. A autora coloca que cerca de 80% das puérperas, logo depois do parto, apresentam desconhecimento sobre o ato de amamentar. Isto resulta em inibição da produção de leite nestas mulheres, provocado por emoções como medo, ansiedade e tensão.

Pereira (2006) chama a atenção para a complexidade do ato de amamentar, que pode ocasionar uma intensificação nas mudanças provocadas pela gravidez e nascimento do filho na vida do casal, podendo trazer conflitos nos planos psicológico e relacional do casal. É importante destacar a necessidade de não olhar a amamentação como algo “natural”, já que os seres humanos não são seres exclusivamente regidos pelo biológico, mas condicionados socioculturalmente. Assim, aspectos da subjetividade/ intersubjetividade envolvidas nessa interação devem ser levados em conta.

“É o aleitamento que está no cerne da revolução materna a que assistimos nos últimos vinte anos. Imperceptível, mas firmemente, ele ganha cada vez mais adeptos no mundo ocidental. Esse gesto milenar, longe de ser anódino, exprime uma filosofia da maternidade que condiciona a situação da mulher e seu papel na sociedade” (BADINTER, 2011, p. 86).

Nos anos 70, o ato de amamentar foi trocado pela mamadeira, para que as mulheres pudessem continuar trabalhando. Hoje, há uma inversão desta tendência. Existe uma militância para o ato de amamentar. Vai além da importância do leite materno ao bebê. Muitos grupos fazem uma associação entre ser uma boa mãe e dar de mamar ao filho. Badinter (2011) cita, sobre uma associação de mães americanas nomeado: La Leche League (LLL), que defende a idéia de que boa mãe é aquela que amamenta. Este grupo publicou os dez pontos fundamentais de sua filosofia, em 1985:

- 1- O aleitamento é a maneira mais natural e eficaz de compreender e de satisfazer as necessidades do bebê.
- 2- A criança e a mãe precisam estar em contato muito cedo e com frequência para estabelecer uma relação satisfatória que permita a mãe fornecer o leite adequado.
- 3- Nos primeiros anos, o bebê tem intensa necessidade de estar com a mãe, necessidade tão essencial quanto a de alimento.

- 4- O leite do seio materno é o melhor alimento para a criança.
- 5- Para ter um bebê com saúde perfeita, somente o leite materno é necessário, até que ele manifeste necessidade de alimento sólido, em torno do primeiro ano.
- 6- Idealmente, o alimento continuará enquanto o bebê mostrar vontade.
- 7- A participação ativa da mãe no parto (parto natural) a ajudará a iniciar o aleitamento.
- 8- O aleitamento e a relação mãe/filho são reforçados com a ajuda e o amor do pai do bebê.
- 9- Uma boa nutrição passa por uma alimentação com produtos naturais.
- 10- Desde o início, as crianças precisam de pais carinhosos que as encorajem e estejam atentos aos seus sentimentos.

Badinter (2011) enfatiza que estes pontos deixaram de ser apenas conselhos e passaram a ser uma lei sagrada, para este grupo. Na página da internet da LLL, pode-se encontrar estes enunciados, agora na forma de mandamentos.

Com tantas influências e militâncias, muitos países em desenvolvimento viram os índices de aleitamento materno aumentar depois dos anos 70. Muitas mulheres fazem questão de dar de mamar seus filhos até os seis meses vida, e são fortemente influenciadas e estimuladas por médicos, enfermeiras e a mídia. Poucas têm “coragem” de ir contra essa corrente, e serem consideradas mães más.

2.2.3 Sexualidade do casal e parentalidade

Muitas vezes, a chegada de um filho faz com que a mãe sinta-se ignorada e isolada, sobrecarregada com a maior complexidade das tarefas e relacionamentos. Os esposos, por sua vez, tentam ser bons maridos, pais e trabalhadores e acabam

interpretando a aparente falta de interesse de suas esposas com uma rejeição, ou deixam de perceber o exaustivo trabalho que elas realizam. Ambos acham que não há um reconhecimento de seu valor pelo outro (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Quando a comunicação do casal não fica fluida apresentando ruídos, a vida sexual do casal acaba entrando em crise. Wily Pasini dirige um serviço em Genebra de assistência familiar com dois centros separados: um de Terapia de Casal e outro de Sexologia clínica. No primeiro, a demanda que normalmente chega é que os casais não conseguem se comunicar e, no outro, demandas sexuais, tendo Pasini percebido é que as duas demandas estão interligadas (PASINI, 1995).

Nichilo (1995) considera que a comunicação em muitos casais contemporâneos apresentam ruídos. O homem e a mulher muitas vezes não se entendem e, para evitar um conflito, acabam se isolando. E como fica o sexo deste casal?

Até há pouco tempo, aproximadamente quatro ou cinco décadas, falar de sexo no Brasil ainda era um tabu. A virgindade era considerada como um valor para a mulher quando mantida até o casamento. Quando deixavam de ser virgens, perdiam seu valor como esposas, e ganhavam o rótulo de *mulheres fáceis*. As mulheres não faziam exigências sexuais a seus maridos; portanto, se estes falhassem era um assunto velado. Muitas acabavam não tendo prazer sexual, fazendo sexo só por obrigação (DIEHL, 2002).

Para Diehl (2002), os homens não eram rotulados caso perdessem sua virgindade antes do casamento. Na verdade, os mesmos deveriam ensinar as suas esposas castas e santas o ato sexual. Assim, eles normalmente iniciavam a sua atividade sexual com as prostitutas, que eram consideradas como *professoras do sexo*. “A exigência de fidelidade traduzida, em parte, pela virgindade, dava aos homens a idéia, mesmo que ilusória, da exclusividade em relação à sexualidade e à paternidade” (DIEHL, 2002, p. 141).

Ao longo do tempo, o sexo foi passando por várias mudanças, e hoje se tornou mais livre e liberal. A perda da virgindade passou a ser, tanto para homens quanto para mulheres, entre amigos ou namorados. Assim trouxe mais intimidade e afetividade

nas relações para ambos os sexos (COSTA, 1986).

De acordo com Diehl (2002), as mulheres passaram a exigir dos homens a nível conjugal (afeto, atenção, amor e carinho) e a nível de satisfação sexual. Neste segundo item, elas esperam que seus parceiros possam levá-las ao orgasmo.

Tais exigências, somadas ao exercício de uma sexualidade mais livre por parte das mulheres, foi um grande choque para os homens, que não estavam habituados a cobranças como estas (DIEHL, 2002, p. 147).

O homem atual sente-se inseguro quanto a postura da mulher contemporânea, que mostra ser mais segura e independente emocional e financeiramente (DIEHL, 2002).

Mesmo com tais mudanças acontecendo ao longo da história, o sexo ainda é um tema que tem suas limitações e preconceitos sociais. Com o advento da pós-modernidade, homens e mulheres passaram a se exigir e exigir do parceiro um sexo “perfeito”. Desta forma, o que era para ser uma fonte de prazer passou a ser um fator estressor também (DIEHL, 2002).

Três autoras norte-americanas, Cockrell, O’Neill e Stone (2009), a partir de suas experiências pessoais, entrevistaram homens e mulheres em algumas cidades dos Estados Unidos para falar sobre o casal e os filhos. Um de seus capítulos versou sobre a vida sexual depois do primeiro filho. As autoras colocam concluem que as mulheres vêem o sexo como obrigação após ter o filho, e o homem tem dele necessidade, sendo este a forma que ele encontra de comunicação com a mulher. Assim, a mulher deve se esforçar para fazer sexo mesmo sem vontade. As autoras sugerem a mulher praticar sexo oral dado este poder ser realizado rapidamente.

As formas atuais de relacionamento, em decorrência de várias mudanças sociais e culturais, têm como estrutura os princípios democráticos e a igualdade. Giddens (1993) coloca que estes novos arranjos de relacionamentos são influenciados por três categorias: a sexualidade plástica, o relacionamento puro e o amor confluyente.

Para se entender as transformações da intimidade, estas categorias são fundamentais (FERES-CARNEIRO, 2011).

A *sexualidade plástica* se caracterizaria por não ser ligada às necessidades de reprodução. Esta se propagou com os métodos contraceptivos e as tecnologias relacionadas à reprodução nos laboratórios. Esta sexualidade foi necessária para que a mulher descobrisse o prazer sexual. Esta sexualidade foi gerada em decorrência dos movimentos feministas que aconteceram no final do século XX. A partir dos anos 60, a mulher passa a reivindicar seus direitos como o prazer sexual (FERES-CARNEIRO, 2011).

Para Giddens (1993), o *relacionamento puro* seria baseado na confiança, no compromisso e na intimidade entre os parceiros. Um relacionamento onde o que vale não é mais a idéia de casamento como uma “condição natural” de compromisso. Existe atualmente uma supervalorização do hoje, do que acontece no aqui e agora, e a continuidade deste relacionamento está relacionada à satisfação de cada um dentro do casamento (FERES-CARNEIRO, 2011).

“A união de parceiros se dá, via de regra, com a expectativa de união sexual. De tal forma que a lei, nos casos em que a união de corpos não se realiza, permite a anulação do casamento. Faz-se importante considerar também que, com o passar do tempo, a relação sexual passou por mudanças que a levaram de um ato meramente reprodutivo, a uma troca não só de amor e afeto, mas, também, de sensualidade e prazer... Os casais, assim, parecem, cada vez mais estar propensos a exigir relacionamentos sexuais de qualidade em seus casamentos, além de não abrirem mão de todo o prazer que o ato sexual pode oferecer” (FALCKE, DIEHL & WAGNER, 2002, p. 176-177).

Feres-Carneiro (2011) chegou à conclusão, face pesquisas e estudos na área conjugal, que a vida sexual do casal sofre forte influência ante o nascimento de um

filho e pelas excessivas cargas de trabalho dos cônjuges. Tanto os homens quanto as mulheres relataram uma redução da atividade sexual devido a estas questões.

2.3 Uma tipologia da conjugalidade: Sofia Aboim

Uma das marcas do movimento de modernização das sociedades ocidentais é a construção social do sentimento amoroso, resultado da modernidade onde a individualização das famílias se torna cada vez mais intensa, refletindo a mudança na situação das mulheres, a variedade dos tipos de famílias, a reconstrução do ciclo de vida tradicional. Dentro deste âmbito, o indivíduo se vê dividido entre a liberdade individual e as gratificações amorosas de uma vida a dois (ABOIM, 2006).

Pode-se pensar que este sentimento amoroso da modernidade seria consequência da individualização, que colocou a conjugalidade num grau de maior importância. Assim, como o indivíduo se vê dividido, o casal contemporâneo ver-se-ia dividido entre um ideal de fusão afetiva, onde existem sonhos de felicidade pessoal, e o investimento na realização individual (ABOIM, 2006).

Aboim (2006) cita Neyrand (2002), ao falar que o imaginário do casal é marcado por tendências aparentemente contraditórias, configurando o que alguns entendem por *paradoxo conjugal contemporâneo*. Neste paradoxo, os casais se baseiam muito mais no afeto, do que nos aspectos patrimoniais, econômicos ou genealógicos, antes essenciais na sua institucionalização. Por outro lado, a individualidade ganhou muita importância, tornando-se independente do casal e da família.

“Para Singly (2000), os indivíduos querem ser *livres em conjunto*: desejam ter uma vida conjugal (ser com o outro), da qual depende sobremaneira a construção das suas identidades, e uma vida pessoal autônoma (ser a sós). O autor utiliza mesmo o termo *dupla vida* para aludir a este paradoxo do individualismo contemporâneo” (ABOIM, 2006, p. 802).

De acordo com a ótica interacionista¹, o casal pode se formar a partir da fusão ou da autonomia. Na fusão, a primazia é dada ao *nós*, unindo recursos, tempos, espaços e até identidades. Já na autonomia, é a preferência do *eu*, onde tenta se preservar as diferenças, particularidade e espaço-tempo de cada um, sendo que entre um e outro muitas conjugalidades são possíveis. Diante disso, Aboim (2006) propõe uma hipótese em seu artigo *Conjugalidade, afetos e formas de autonomia individual*, nos seguintes termos: considerando as conjugalidades atuais formadas de afetos e também de obrigações e rotinas do cotidiano, quais seriam as possíveis articulações entre orientações amorosas (a paixão, o amor, a amizade, o companheirismo) e interações conjugais? A autora traz, deste modo, a articulação entre a sentimentalização da vida do casal e a individualização, identificando formas variadas de construção feminina face ao *nós* casal, ligando-as às orientações amorosas veiculadas pelas mulheres.

Investigando a autonomia feminina na conjugalidade, a autora procurou saber o que une o casal e o que o separa em seguida. No primeiro caso, privilegiou a área de fusão conjugal (intimidade afetiva, produção da vida material, concretização do projeto familiar), as relações de gênero do casal (complementaridade de papéis, procura de igualdade), ou ainda o peso dado ao *nós* casal e ao *nós* família. Analisou a percepção da mulher sobre si mesma, o significado atribuído à profissão e o tipo de autonomia produzido dentro da conjugalidade (ABOIM, 2006).

A partir daí Aboim (2006) faz uma síntese das tipologias que criou para os tipos de conjugalidade, dentro do contexto acima comentado (Tabela 1).

¹ Apoiada em diversos autores, segundo Aboim (2006), a abordagem interacionista é uma linha de investigação herdeira da terapia familiar norte-americana. Dota a família conjugal de uma dinâmica interna com propriedades específicas, mais ou menos sustentadoras da explicação dos comportamentos privados, pressupondo a relativa independência da família face aos contextos sociais, pois esta é, como qualquer pequeno grupo, dotada de processos de funcionamento trans-classistas próprios a todo o sistema de ação coletiva. Ela se estrutura sobre eixos essenciais da dinâmica de grupo, como a coesão interna, a integração no exterior ou a regulação de conflitos, apresentando como mais valia heurística a capacidade de análise de setores particulares dos comportamentos familiares.

Tabela 1 – Orientações amorosas, dinâmicas de coesão conjugal e algumas variáveis de contextualização (Fonte: Aboim, 2006)

<i>Orientação amorosa actual</i> <i>Traços principais</i>	<i>Dinâmicas de coesão conjugal</i>		<i>Algumas variáveis de contexto</i>
	<i>Tipo de autonomia feminina</i>	<i>Tipo de fusão (área de coesão, instância privilegiada, perfil das rotinas)</i>	
<p>ALIANÇA ROMÂNTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Justificação mística: “fusão de almas” • Conhecimento intuitivo do outro • Pouca importância da sexualidade • Percepção da relação como estática • Idealização do casamento, respeito, harmonia • Fusão como complementaridade de género (função de papel) 	<p>AUTONOMIA MÍNIMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de percepção de autonomia • Trabalho profissional como “obrigação familiar” • Ausência de actividades individuais e de “segredos” 	<p>FUSÃO FORTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cimento institucional; produção da vida material; sentimento; dependência • Nós-casal / Nós família • Casamento, maternidade • Rotinas muito fusionais • Fechamento ao exterior 	<ul style="list-style-type: none"> • Meio popular (operário) • Catolicismo forte • Namoros jovens • 1º casamento • Isolamento residencial do casal
<p>COMPANHEIRISMO APAIXONADO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Justificação pela atracção • Valorização da paixão • Relação construção permanente • Importância da sexualidade • Procura de igualdade de género • Fusão emocional, intimidade, comunicação, apoio 	<p>AUTONOMIA MÍNIMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Autonomia interior mínima (alguns pensamentos não partilhados) • Família é mais importante que a profissão, mas a profissão também pode ser gratificante • Ausência de actividades individuais 	<p>FUSÃO FORTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sentimento, dinâmica conjugal / familiar • Nós casal, nós família • Rotinas muito fusionais • Abertura e sociabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Vários meios sociais; transversalidade social • Namoros muito jovens • Identidade conjugalizada
<p>ALIANÇA DE AMIZADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Justificação pela dependência de género • Algum romantismo • Sentimento sedimentado pela convivência e pelas rotinas • Pouca importância da sexualidade • Mudanças subjectivas com a chegada dos filhos • Respeito, harmonia, reprodução familiar • Fusão como complementaridade de género (função de papel) 	<p>ALGUMA AUTONOMIA (DE GÉNERO)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Percepção da autonomia como resultante das diferenças de género (naturalização da diferença) • Trabalho profissional como “obrigação familiar” • Protecção de alguma intimidade pessoal e existência de algumas actividades individuais 	<p>FUSÃO (IDEAL, FAMILIALISTA)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cimento institucional; produção da vida material; criar e educar os filhos • Nós-família • Maternidade • Algumas rotinas fusionais • Algum fechamento feminino (mais abertura masculina) 	<ul style="list-style-type: none"> • Meios populares • Namoros jovens • Meios pequenos; relações de vizinhança
<p>COMPANHEIRISMO DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Justificação pelos ideais comuns • Amizade, apoio mútuo entre cônjuges • Relação codificada desde o início • Pouca importância da sexualidade • Procura de igualdade de género • Fusão pela comunicação e cooperação quotidiana 	<p>ALGUMA AUTONOMIA (“INTERIOR”)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Percepção de uma autonomia centrada na protecção de alguma intimidade pessoal • Família é mais importante que a profissão, mas a profissão também pode ser gratificante • Autonomia pela protecção da intimidade, poucas actividades individuais 	<p>FUSÃO (IDEAL, FAMILIALISTA)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Projecto familiarista • Produção da vida quotidiana; bem-estar da família; sentimento • Nós-família: nuclear e alargada • Algumas rotinas fusionais com actividades individuais • Abertura ao exterior 	<ul style="list-style-type: none"> • Vários meios sociais; transversalidade social • Namoros muito jovens • Identidade conjugalizada

Tabela 1 - Orientações amorosas, dinâmicas de coesão conjugal e algumas variáveis de contextualização (Fonte: Aboim, 2006)

<i>Orientação amorosa actual</i> <i>Traços principais</i>	<i>Dinâmicas de coesão conjugal</i>		<i>Algumas variáveis de contexto</i>
	<i>Tipo de autonomia feminina</i>	<i>Tipo de fusão (área de coesão, instância privilegiada, perfil das rotinas)</i>	
COMPANHEIRISMO “EM CONSTRUÇÃO”	AUTONOMIA “PROGRESSIVA”	ALGUMA FUSÃO	
<ul style="list-style-type: none"> • Justificação pela mudança e amadurecimento da relação • Amizade, apoio mútuo entre cônjuges • Relação construção permanente • Realização pessoal • Procura de igualdade de género • Fusão pela comunicação e cooperação quotidiana 	<ul style="list-style-type: none"> • Conquista progressiva de autonomia • Investimento profissional forte (a profissão é uma das dimensões privilegiadas da autonomia feminina) • Autonomia nas rotinas e na intimidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Projecto individual; valorização progressiva da autonomia feminina • Produção da vida quotidiana, sentimento • Eu / nós-família • Algumas rotinas fusionais com muitas actividades individuais • Abertura ao exterior, sociabilidade forte 	<ul style="list-style-type: none"> • Meios qualificados • Mobilidade profissional ascendente da mulher • Catolicismo não praticante
AMOR DE “ALTERNÂNCIA”	AUTONOMIA FORTE (INVESTIMENTO PESSOAL)	ALGUMA FUSÃO (NÓS-CASAL FORTE)	
<ul style="list-style-type: none"> • Justificação pela qualidade da relação • Amizade e entajuda, relação de companheirismo, mas também paixão, desejo • Relação construção permanente • Importância da sexualidade • Procura de igualdade de género • Acento forte na negociação e na reflexividade conjunta sobre a relação • Autonomia pessoal como base da conjugalidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção de fortes divisões nos investimentos femininos: entre o trabalho, o casal, os filhos e outras relações sociais • Orientação feminina para a carreira profissional (a profissão é uma das dimensões privilegiadas da autonomia feminina) • Autonomia nas rotinas e na intimidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo, interesses comuns, cumplicidade, sentimento • Forte territorialização das instâncias privilegiadas: espaço tripartido (eu, casal, família) • Acento na realização profissional e no bem-estar pessoal, a par do investimento fusional • Abertura ao exterior, sociabilidade forte 	<ul style="list-style-type: none"> • Meios muito qualificados • Entradas informais na conjugalidade

Sofia Aboim, ao longo de anos de pesquisa e estudos, investigou os modos de integração do indivíduo no grupo (a autonomia e a fusão) e a natureza da relação entre o público e o privado (fechamento ou abertura ao mundo exterior).

Como uma vasta literatura sociológica demonstra, os primeiros anos de vida em comum e a transição para a parentalidade têm, na construção da relação conjugal, um enorme impacto, reorganizando posições de género, lógicas afetivas, fusões, autonomias, trabalho e lazer, numa palavra, as maneiras de fazer o quotidiano. (ABOIM, 2006, p. 279, rodapé 115).

Aboim (2002) propõe tipos de conjugalidade. Três desses tipos parecem importantes para a pesquisa em pauta: **Amor de “alternância”, Companheirismo em construção e Companheirismo apaixonado.**

No primeiro tipo, amor de “alternância”, os indivíduos preservam a sua autonomia,

pois a própria construção de intimidade surge dependente da paridade e da negociação entre ambos os parceiros. Não se trata de uma tensão entre o individualismo e fusão amorosa, mas de uma intimidade baseada na independência pessoal, na igualdade e na gestão de diferentes pertencas e instancias de realização do *self*. A relação amorosa conjugal é por excelência a alteridade valorizada.

No segundo tipo, *companheirismo em construção*, as mulheres pensam que o “estar apaixonada” tem ainda hoje uma forte conotação fusional, ligando a autonomia pessoal à construção de formas de afetividade “amicais” que consideram menos intensas e, por isso, também menos exigentes em matéria de disponibilidade pessoal. Um companheirismo é visto como dinâmico, mutável, em constante renovação, uma relação sempre em construção, onde a transformação do sentimento conjugal teve como contrapeso uma também progressiva individualização feminina, produzida, a dado momento do percurso conjugal, pela estratégica e conscientemente formulada, de autonomia pessoal. Aqui, o ideal feminino não é apenas ser mãe, apenas esposa ou profissional, mas sim uma combinatória equilibrada destes papeis, num mesmo nível de importância subjetiva. O desejo de ser perfeita em todas estas funções coloca uma carga de exigência muito pesada sobre a mulher.

No terceiro tipo, *companheirismo apaixonado*, existe uma atração muito forte entre os conjugues, uma valorização da paixão: uma relação onde existe uma construção permanente, uma importância da sexualidade, uma procura de igualdade de gênero, fusão emocional, intimidade, comunicação, apoio. Aqui a autonomia feminina interior é mínima, apenas alguns pensamentos não são partilhados. A família é mais importante que a profissão, mas a profissão também pode ser algo gratificante e realizador caso aconteça. Existe uma ausência de atividades individuais femininas. Para Aboim (2002), este casal se caracteriza por um nós casal/nós família, ou seja, por uma valorização da conjugalidade e da parentalidade, deixando de lado ao individualidade, o eu.

Portanto, a partir do exposto, pode-se indagar: Cada casal tem suas peculiaridades que lhe são próprias e sua maneira de “conjugar”? Como é se organiza cada casal e quais ferramentas ele utiliza para lidar com a grande mudança que é a chegada do

primeiro filho? Como o casal se comporta, vive, e se relaciona, antes do primeiro filho? O filho faz eclodir uma situação conjugal que já existia antes da sua chegada? Como se define cada casal? Outras mudanças poderiam ocorrer e o casal mudar radicalmente também a sua maneira de se relacionar e viver a sexualidade, não conectado à chegada do filho?

A partir das considerações acima, concebemos a transição da conjugalidade para a parentalidade, focalizando a vida sexual do casal, unindo as definições de Sofia Aboim com as possíveis repercussões na sexualidade antes da parentalidade.

3 MÉTODO

O desenho da investigação utilizou o método qualitativo de análise de texto. A amostra intencional foi constituída por seis mulheres, com idades entre 27-37 anos, de nível educacional superior (graduação e pós-graduação), classificados sócio-demograficamente como classe média, residentes na cidade de Salvador, com o filho primogênito de idade de 6 meses-3 anos (Tabela 2). Seus companheiros apresentaram idades de 29 a 41 anos e tinham escolaridade no nível superior completo. As profissões, tanto das mulheres quanto dos homens, foram variadas.

Os dados foram coletados através de entrevistas individuais, com roteiros semi-estruturados (Apêndice 1). Três entrevistas foram realizadas de modo presencial e três entrevistas foram realizadas on-line, por meio de e-mail.

O acesso às participantes ocorreu pela técnica da “Bola de Neve” em que uma participante indica a seguinte. Este procedimento é indicado devido à pesquisa levantar questões referidas à intimidade da pessoa. Foram também realizadas três entrevistas por emails, utilizando-se o mesmo procedimento de “Bola de Neve”.

De acordo com Flick (2009), a entrevista qualitativa não escapa aos efeitos da revolução digital e tecnológica do início do século XXI. Os computadores são utilizados para se analisar dados qualitativos; Mp4 são utilizados para gravar as entrevistas; a internet e seus aplicativos, como e-mails, são utilizados para entrevistas, busca de literatura científica e publicar resultados.

Além disso, a internet faz parte hoje do cotidiano das pessoas. Muitas atividades laborais têm utilizado a internet para as suas manobras. As pessoas utilizam os e-mails e salas de redes sociais para se comunicar. Não são todas as pessoas que têm acesso a este aplicativo, mas na presente pesquisa, o grupo selecionado de classe media alta tem acesso e utiliza a mesma na sua vida cotidiana. Algumas das entrevistadas inclusive, ao serem convidadas a participar da pesquisa, solicitaram ser por e-mail porque se sentiriam mais à vontade para falar livremente e sentiam que “falariam” mais do que ao vivo.

Porém, é importante esclarecer que, na prática, a entrevista on-line é organizada de uma forma diferente da entrevista ao vivo. Numa pesquisa semiestruturada, o usual é realizar um grupo de perguntas levadas à pessoa que será entrevistada, sendo um caminho pelo qual o entrevistador se norteará, podendo modificar as perguntas ao longo das respostas. Na pesquisa on-line, pode-se fazer um questionário, distribuir e esperar as repostas on-line. Mas este modo de proceder fugiria do objetivo do presente estudo e da pesquisa qualitativa semiestruturada (FLICK, 2009).

Assim, Flick (2009), sugere que se planeje a coleta de dados de uma forma mais interativa, enviando uma primeira pergunta e, depois de respondida, enviando as subsequentes, sendo realizadas várias trocas de emails no modo aproximado de um “diálogo”.

“A entrevista on-line é um modo de realizar a pesquisa qualitativa no contexto do trabalho de pesquisa na internet. Pode ser muito vantajosa se a ideia for integrar aos estudos participantes que não sejam facilmente acessíveis, por viverem longe ou por não desejarem falar com um estranho (sobre um tópico possivelmente sensível). A pesquisa online pode também permitir a seus participantes o anonimato, o que pode ser uma vantagem. A entrevista online produz dados já disponíveis na forma de textos, o que permite a omissão da demorada etapa da transcrição das entrevistas” (FLICK, 2009, p. 243).

Desta forma, na presente pesquisa, o método da pesquisa qualitativa online trouxe vantagens como: o acesso a participantes de diferentes localidades num mesmo tempo; a facilidade de obter mais dados conforme o estudo fosse evoluindo e um espaço de total privacidade onde as entrevistadas se sentissem livres e confiantes para falar, já que se trata de um espaço em que elas já estão habituadas no seu cotidiano.

Após os contatos iniciais por telefone, em que foi explicado sucintamente o objetivo do estudo, entrevistas foram agendadas de acordo com a possibilidade oferecida

pela interlocutora. Antes da entrevista, esta leu e assinou o Termo de Comprometimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2).

A análise buscou responder aos itens alcançados como objetivos secundários por meio de análise de conteúdo (FLICK, 2009). É importante ressaltar é devido à técnica Bola de Neve ter sido o modo de acessar as participantes, alguns dados pessoais foram alterados para que as entrevistadas não fossem identificadas, preservando a sua privacidade. De igual modo, na apresentação das entrevistas, estas não serão identificadas por números, na forma de Caso 1, etc.

Tabela 2 - Descrição sócio-demográfica dos casais. Salvador, 2011

Idade Esposa	Idade Esposo	Ocupação Esposa	Ocupação Esposo	Escolaridade Esposa	Escolaridade Esposo
37	40	Economista	Engenheiro	Superior Completo	Superior Completo
27	29	Socióloga	Advogado	Superior Completo	Superior Completo
29	29	Assistente Social	Empresário	Superior Completo	Superior Completo
27	31	Psicóloga	Engenheiro	Superior Completo	Superior Completo
35	41	Enfermeira	Administrador	Superior Completo	Superior Completo
33	35	Contadora	Administrador	Superior Completo	Superior Completo

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Os resultados serão apresentados por meio de dois grandes eixos temáticos:

- 1- Gravidez e pós-parto;
- 2- Tipos de conjugalidade e a sexualidade pós-parto.

4.1 Gravidez e pós-parto

Os elementos decorrentes da análise sobre a gravidez e pós-parto foram organizados nas seguintes categorias:

- 1- O planejamento da gravidez e o desejo;
- 2- Mudanças na sexualidade durante a gravidez;
- 3- Métodos contraceptivos no pós parto;
- 4- Relação com o corpo no pós-parto;
- 5- Sexo após o parto;
- 6- A maternidade e a busca de si própria: o tempo para si mesma e o trabalho no pós-parto;
- 7- A amamentação e a vida sexual no pós-parto.

4.1.1 O planejamento e o desejo

Calegari (2011), fala sobre como o casal consegue lidar e quais mudanças traz para o relacionamento conjugal a chegada do bebê. Neste artigo, para as psicólogas Rita Calegari e Luciana Jensen, ter um filho implica em transformações profundas na vida de um casal e o casal deve, deste modo, se preparar quanto aos aspectos emocionais, aos corriqueiros do dia a dia e ao financeiro. Apontam que, enquanto

casais dão grande importância para o enxoval, para o quarto do bebê, não se preparam para as perdas e os ganhos que virão com a chegada de seu filho. É recomendável que os mesmos pensem e discutam sobre as expectativas reais que cada um tem em seus papéis (CALEGARI; JENSEN, 2011).

Aponta a historiadora Mary Del Priore (2011):

“Para a maior parte das mulheres, ao longo da história e em quase todas as culturas, o prazer sexual, quando possível, estava sempre ligado ao medo de gestações repetidas e da morte no parto... o ato sexual deixou de servir exclusivamente à procriação. Abriu-se uma brecha no mandamento divino: doravante, a mulher poderia escolher entre ter ou não filhos... Mais além, o surgimento da pílula tornou a mulher livre para escolher sua vida: adquirir estudos superiores ou participar do mercado de trabalho, sem ser interrompida por uma gravidez” (DEL PRIORE, 2011, p. 194).

O planejamento não foi um item usualmente expresso espontaneamente pelas mães, mas em quatro casos, foi possível identificar que a gravidez foi planejada:

"Depois de casarmos, fizemos mega viagens que tínhamos vontade - eu já queria ter um filho antes de casar, mas ele queria viajar primeiro- depois das viagens ele começou a querer também, então liberamos na hora... engravidei no primeiro mês".

"A decisão foi dos dois. Usava um DIU, tirei e no mês seguinte engravidei".

A gravidez foi planejada, implicando, além disto, em uma avaliação de mudança de vida em que algumas perdas foram avaliadas, como a da dificuldade de viajar com filhos pequenos.

Já no seguinte caso, a gravidez chegou inesperadamente, porém já havia o desejo de ter um filho, fazendo com que este filho fosse bem-vindo.

“Engravidei com anticoncepcional, mas sempre desejamos ter filho, então ficamos muito felizes depois que descobrimos eu já com 3 meses de gravidez”.

Em um dos casos, uma gravidez bem sucedida se seguiu a um aborto espontâneo, donde provavelmente bem-vinda.

“A decisão de ter um filho foi dos dois. Na primeira gravidez, houve um aborto espontâneo... esta foi a segunda.”

Pode-se perceber que os pais desejavam ter filhos, mesmo antes de se casarem, a vinda dos filhos fazendo parte do próprio casamento em si.

“Planejamos desde que nos casamos. Na verdade, acho que planejamos antes ainda. Nós já sabíamos quando teríamos filho, quanto tempo depois de casados... aconteceu tudo certinho... dizem que nós somos um relógio.”

Em geral, uma gravidez planejada é vista como desejada, sendo o desejo parte fundamental do modo como esta criança é concebida “psicologicamente” pelos pais e deste vir a formar um casal, além de conjugal, parental.

“A questão de planejamento da gravidez tem relação mais direta com o desejo dos pais de terem filhos em um determinado período de suas vidas, ou seja, seus planos de formar/crescer ou não o núcleo familiar” (SILVA; SILVA, 2009, p. 396).

Desta forma, a gravidez, nos casos estudados, não se revelou um estresse no relacionamento conjugal, já que em todos os casos ela era desejada e, na maioria, planejada denotando, como Silva e Silva (2009) apontam, seus planos/ desejos de

formar/ crescer o núcleo familiar.

4.1.2 Mudanças na sexualidade durante a gravidez

Duas entrevistadas relataram que houve um aumento de libido na gravidez, que o sexo se manteve constante.

"A qualidade da relação foi igual. Na gravidez minha libido aumentou... mas minha barriga não o incomodava."

No entanto, houve diferenças no modo de lidar com a libido durante este período.

"Bom, eu grávida não dei muito trabalho, continuei minhas atividades de trabalho e físicas. O que mudou é que muitas vezes ficava sem vontade de fazer programas mais puxados, mas como meu marido nunca gostou, não mudou em nada. Na relação sexual nós não tivemos problema, pelo contrário, em muitos momentos fiquei com a libido alta."

Em um caso, o marido se recusou a ter sexo com medo de machucar o bebê, mesmo o médico dizendo que não existiam problemas para o feto. Aqui, percebe-se uma incompatibilidade de crenças onde, mesmo com o respaldo médico, o homem continua a temer a relação sexual durante a gravidez de sua mulher.

"Ele mesmo sendo louco por sexo, me surpreendeu. Ele não queria de jeito nenhum porque tinha medo de machucar o bebê."

De fato, para Figueiredo:

“A qualidade do relacionamento da grávida com o companheiro depende de um conjunto diverso de circunstâncias. A literatura tem considerado numerosos fatores, entre os quais a paridade,

a qualidade do relacionamento com e entre os pais durante a infância, o estilo de vinculação e a presença de sintomatologia psicopatológica, têm recebido maior atenção” (FIGUEIREDO et al, 2006, p. 5).

Como não foi pesquisada a história anterior quer dos cônjuges quer da própria conjugalidade, não possuímos elementos para corroborar ou negar os aspectos apontados acima por Figueiredo (2006), embora tenhamos observado diferenças no modo de lidar com a sexualidade durante a gravidez.

De acordo com Sueiro, Gayoso, Perdiz e Doval (1998) conforme Silva e Figueiredo (2005), a frequência sexual e o desejo sexual não são afetados pela \gravidez. Ocorrem mudanças ao nível do comportamento sexual, nomeadamente ao nível das posições de coito. Verificam ainda que, em alguns casos, o coito é substituído pela masturbação e pela introdução de práticas sexuais gratificantes para ambos os conjugues.

4.1.3 Métodos contraceptivos no pós-parto

Antes do movimento feminista e da emergência de métodos contraceptivos modernos, a mulher tinha dificuldade de ter controle sobre ter ou não filhos e quantos ter. Hoje, os métodos contraceptivos dão à mulher o poder de decisão sobre ter ou não filhos. Assim, foi possível verificar na análise dos dados que dos seis casos, quatro entrevistadas tomaram anticoncepcional após o parto, mostrando uma preocupação em não engravidar logo em seguida após o parto.

"Tomo anticoncepcional... é o mais fraquinho... mas eu tenho usado camisinha, pois já escutei vários casos de bebês que vieram neste período que eu tô".

"Usei por pouco tempo a pílula anticoncepcional. Parei por alguns meses e voltei a usar agora. Não consigo perceber se ela me causou alguma alteração física".

Apenas em um caso, pode-se constatar um não uso de contraceptivo, mas um desejo de utilizá-lo futuramente.

"Não, não uso nada. Mês que vem vou colocar o DIU"

Em um caso, observou-se uma alteração hormonal e física no corpo da entrevistada, prejudicando o ato sexual com uma diminuição da libido, e uma sensação de inchaço.

"Sim, tomei a pílula de progesterona. Tirou a minha libido e me deixou inchada; quando parei, ficou tudo resolvido".

No seguinte discurso, evidenciou-se uma cólica ao lado de medidas contraceptivas:

"Só o DIU, trouxe cólicas".

Mary Del Priore (2011) descreve a evolução e transformação da intimidade no Brasil em seu livro: *Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil*. Sobre os métodos contraceptivos, faz vir à tona uma discussão sobre a mulher conhecer os efeitos colaterais de uma pílula no seu corpo. Muitas mulheres sentem enjoos, dores de cabeça e continuam a tomar a pílula pelo medo de engravidar, desconhecendo o que estão tomando e quais conseqüências podem trazer.

Na presente pesquisa, as mulheres que tomaram pílula anticoncepcional não sentiram alterações e as que sentiram, pararam de tomar. O que difere das mulheres citadas por Mary Del Priore? Seria devido a que as entrevistadas são mulheres de classe media alta, intelectualizadas, enquanto que as mulheres citadas no livro teriam um menor acesso ao conhecimento?

4.1.4 *Relação com o corpo no pós-parto*

Maldonado (1997) aponta que um dos maiores temores da gravidez, detectado em mulheres do mundo inteiro, está relacionado às alterações do corpo. Destaca o medo da irreversibilidade, de não acreditar que o mesmo corpo que se amplia para abrigar o conceito, teria a capacidade de voltar ao aspecto anterior à gravidez e o temor de tornar-se outra pessoa devido à experiência da maternidade, acabando por ter mais perdas do que ganhos.

Assim, o pós-parto pode, além do encontro mãe-bebê, um momento cuidado com a parturiente: cuidados com a cicatrização, com os seios que agora são fonte de alimento para o bebê, com o cansaço, com as novas exigências, etc.

No entanto atualmente, as mães de classe média alta apresentam uma nova demanda, que é a preocupação exacerbada em voltar à sua antiga forma, o que foi possível identificar em várias falas da presente pesquisa.

"...preocupada com meu corpo..."

Haag (2011) coloca que a cirurgia plástica hoje no Brasil permite a aquisição de capacidades novas, mas o uso das tecnologias tem um efeito perverso nas mulheres, que seria o de ocultar os efeitos da velhice. O autor denomina como o “ataque” à maternidade, onde as mulheres vivem uma tensão permanente entre ser mãe e um ser sexual. A possibilidade de cirurgia, dessa forma, acirraria o conflito, pois corrigiria os “defeitos” provocados pela maternidade no corpo pós-parto e na anatomia vaginal. Pode-se comprovar na presente pesquisa, que as entrevistadas se envergonham de uma cicatriz, seja ela no órgão genital feminino, em casos de partos naturais, ou na barriga, em caso de cesárea; não aceitam a flacidez de sua pele, já o corpo se amplia para abrigar o conceito.

"...me sentindo apenas mãe e provedora de leite, envergonhada com minha barriga mole, cicatriz de cesárea, vazamento de leite, cheiro de leite..."

"Não me sentia bem com meu corpo. O peso já tinha ido embora, mas a barriga ficou bastante esquisita. Me sentia horrível".

Enquanto estas mesmas mulheres se sentiram realizadas com o fato de estarem grávidas, gestando um bebê, hoje, o corpo que precisou se modificar para exercer esta função, não é mais aceito pelas mesmas.

"O corpo toma a cena e se torna o protagonista da vida cotidiana, saindo do espaço privado, da intimidade das casas, e ganhando o espaço público da rua" (DEL PRIORE, 2011, p. 466).

As entrevistadas relatam envergonhar-se, que precisam estar em forma novamente para poderem se mostrar para seus maridos, e até para não "atrapalhar" a vida sexual, como pode ser observado nas falas apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Relatos: Gravidez e a relação com as alterações físicas

O desejo de engravidar	O mal-estar com o corpo no pós-parto
<i>"...eu já queria ter um filho antes de casar..."</i>	<i>"...demorei um pouco a me sentir sexy porque meus peitos viraram alimentos..."</i>
<i>"...sempre desejamos ter filho, então ficamos muito felizes..."</i>	<i>"...não me sentia bem com meu corpo. O peso já tinha ido embora mas a barriga ficou bastante esquisita. Me sentia horrível..."</i>
<i>"...planejamos desde que nos casamos...eu queria ate antes, mas esperei..."</i>	<i>"Estou me adaptando. Faço drenagem linfática, academia. A textura da pele me incomoda. Perdi o peso todo Perdi os 15Kg em 20 dias. Mas até por isso</i>

	<i>fiquei flácida. Não gosto, quero mudar isso."</i>
--	--

Todas as entrevistadas não aceitam o corpo após o parto. Além disto, torna-se um fator estressor na relação com o cônjuge. Passam a não se reconhecer mais naquele corpo e a não se sentirem desejadas e sexys.

"Demorei um pouco também a me sentir sexy, porque meus peitos viraram alimentos e custei a acreditar que eles seriam sexy de novo... meu corpo também só voltou ao que era perto do primeiro aniversário, mas isto não me incomodava muito, o leite incomodava mais."

“No Brasil não basta ser magra. A mulher tem que ser sarada, definida, sensual. Mais do que boa mãe, profissional competente e esposa cuidadosa, ela tem que enfrentar o “quarto turno” da academia, correndo atrás de um corpo sempre inatingível. O maior algoz da mulher brasileira é ela mesma, que vive procurando aprovação de outras mulheres. Temos que pensar numa mulher que comporte falhas, não criminalize seu corpo por fugir aos padrões e que aproveite momentos como a maternidade sem querer voltar às pressas à forma anterior” (MORAES *apud* HAAG, 2011, p.1).

Para Del Priore (2011, p. 488), existe uma exclusão social quando as mulheres não estão “em forma”, que seria a negação de sua sexualidade. A mulher quando não se julga bonita torna a relação com seu corpo desprazerosa, angustiada e persecutória. Nota-se que fazem uma associação entre a beleza do seu corpo físico e a relação sexual. Muitas vezes, o homem manifesta aceitação da mulher naquela nova forma, mas a mesma se sente envergonhada:

"Ficou péssima. Meu peito, não aceito. Hoje mesmo estava

falando pra ele sobre isso. Ele diz que depois se eu quiser levantar, levanto, mas que estou linda assim. Vejo que é paranóia de mulher mesmo, homem não liga."

Deste modo, as entrevistadas, mulheres que vivem o tempo da contemporaneidade, manifestam a ambivalência entre o ser-mãe e o ser-mulher sexual, vivenciando a corporeidade como uma "falta" a ser corrigida e sanada, como aponta Haag (2011), por métodos cirúrgicos e/ou por uma dedicação obsessiva a exercícios físicos que a façam retornar ao que era antes de ser mãe.

4.1.5 Sexo após o parto

As entrevistadas relataram ter um desinteresse sexual após o parto.

"Passado algum tempo convivendo com meu filho, perdi totalmente o interesse por sexo"

"...as primeiras semanas, a vida sexual era inexistente, me sentia assexuada..."

"...nos primeiros meses, não existiu praticamente uma vida sexual. Eu não tinha vontade quase nenhuma...muito envolvida com meu filhinho e muito cansada para gastar energia com sexo."

Este desinteresse sexual por parte da mulher é fonte de mal-estar conjugal. Para as entrevistadas, a quarentena se revela um período em que a mulher, além de não poder ter relações sexuais, por recomendações médicas, também não tem desejo sexual. De acordo com Costa (2001), é neste período que a mulher vai enfrentar os ajustamentos psicológicos e fisiológicos, já que neste momento ela vai estar sensível e emocionalmente lábil. A quarentena acaba sendo período de moratória para a mulher em não ter de ter atividade sexual: ela não "precisa" se justificar por não ter

libido, já que por questões fisiológicas, não pode exercê-las, mesmo que o marido assim o deseje.

"Bom, logo que ele nasceu, teve o período do resguardo. Tanto não podia porque não é recomendado pelos médicos como também nós ficamos os 40 dias iniciais num ritmo intenso... depois que passou este período, eu voltei a ter relações... mas meu marido ficava nervoso... foi a primeira coisa que ele perguntou ao médico: quando poderíamos ter relação sexual... rsss"

"Depois que nasce, vem os 45 dias, a quarentena... o sexo não dura mais o tempo todo do mundo com as obrigações do bebê... mas dá pra fazer. Me falaram que ia ser pior, que ia durar um mês sem ter... mas comigo não foi assim não, a gente consegue pelo menos duas vezes por semana".

O sexo seria mais uma pressão que a própria mulher coloca sobre si mesma, ou o homem teria dificuldade em esperar pelo tempo que sua mulher precisa para voltar a ter relações sexuais como antes de parir? Assim se expressa Diehl (2002) a respeito da pós-modernidade e o apelo constante da mídia à sensualidade e sexualidade, resultando numa ênfase em desempenho:

"O advento da pós-modernidade impôs aos homens e às mulheres formas estereotipadas de ser e de se comportar. A mídia, cada vez mais, usa o erótico e o sensual como fontes de venda, criando novos padrões sociais de comportamento... a cada dia divulgam-se novas fórmulas, novos segredos e novas posições sexuais. Sentimentos como o carinho, o afeto e o amor dão lugar à forma e ao desempenho. O culto ao corpo perfeito transforma-se num modelo para alcançar o sexo perfeito" (DIEHL, 2002, p. 149).

Na presente pesquisa, assim se expressou uma entrevistada:

“...depois do nascimento ficamos assim: nos primeiros meses, não existiu praticamente uma vida sexual. Eu não tinha quase vontade nenhuma... isso durou uns dois meses. Se soubéssemos que iria durar tão pouco, teríamos ficado mais tranquilos.. .o mais difícil é a falta de perspectiva de quanto estas situações vão durar. (...) Meu marido ficava apreensivo achando que nunca mais teríamos o sexo de antes...”

Nesta fala, podemos perceber a característica da atualidade de viver o aqui-agora intensamente, de modo a não ter tranquilidade para antever momentos futuros diversos dos atuais. Assim, esta mesma entrevistada aponta uma melhora no relacionamento sexual, quando questionada sobre a satisfação sexual após o parto:

“...digo até que vem melhorando... o entrosamento e o companheirismo vem melhorando a nossa vida sexual”.

É importante destacar também que existe uma preocupação da mulher em não deixar de atender às demandas do seu marido.

“meu marido ficava apreensivo achando que nunca mais teríamos o sexo de antes...”

Muitas vezes a mulher toma para ela uma inquietação de seu marido, com medo de perdê-lo, não vivendo a quarentena e o momento de entrosamento dela com o bebê de maneira mais plena.

"Eu fiquei muito preocupada quando me dei conta de que já estava acabando a quarentena e que no 41º dia, eu teria que fazer sexo com ele... não tinha libido nenhuma"

As mulheres vivenciam suas relações conjugais de maneiras diferentes uma da outra. Três autoras norte-americanas, Cockrell, O'Neill e Stone (2009), a partir de suas experiências pessoais, resolveram entrevistar homens e mulheres em algumas cidades dos Estados Unidos para falar sobre o casal e os filhos. Um de seus

capítulos versou sobre a vida sexual depois do primeiro filho. As autoras concluem que as mulheres vêem o sexo como obrigação após ter o filho, e o homem tem dele necessidade, sendo este a forma que ele encontra de comunicação com a mulher. Assim, a mulher deve se esforçar para fazer sexo mesmo sem vontade. As autoras sugerem à mulher praticar sexo oral dado este poder ser realizado rapidamente.

Esses resultados diferem dos obtidos nesta pesquisa. As participantes responderam que sentiam um incômodo muito grande nas primeiras relações sexuais após o parto; sentiam-se muito mal com o seu corpo quando acabam de parir; desejavam voltar a ser próprias de novo; voltar a trabalhar; ter o corpo de modo a se sentir sexy, atraente; voltar a ter uma vida social; enfim, declararam desejar voltar a se reconhecer enquanto elas mesmas. Este contexto durava cerca de seis meses, tempo variável de mulher pra mulher. No livro, as autoras colocam este período de um a dois anos.

Por que esta diferença entre as entrevistas americanas e as brasileiras entrevistadas? Um ponto importante a se salientar é que as brasileiras entrevistadas tinham babá e uma ajudante do lar. As americanas não tinham. Também aparece muitas vezes o discurso de que os maridos chegavam em casa com desejo sexual, e as mulheres estavam esperando-o para ajudar em algo da casa ou com os filhos porque estavam esgotadas.

Face a isto, pode-se indagar: qual a importância tanto da ajuda no cuidado do bebê quanto de uma pressão para o “corpo perfeito” e para o “sexo perfeito” neste padrão diferencial de comportamento relativo à atividade sexual entre mulheres brasileiras e norte-americanas?

4.1.6 A maternidade e a busca de si própria: o tempo para si mesma e o trabalho no pós-parto

O tempo para si mesma emergiu como categoria de análise devido à sua forte presença na fala das entrevistas: a necessidade de seu remanejamento, o

sentimento da perda do tempo pessoal e para o casal.

"... pois sinto que preciso me dividir entre muitas funções e papéis, e ainda não estou dando conta da minha nova realidade. Mais contas a pagar, mais trabalho a fazer, menos tempo pra tudo, menos tempo para me cuidar".

Antes de engravidar e ter filho, o casal escuta de colegas e familiares que não terá mais tempo para viajar, para namorar e etc. Porém, o homem e a mulher, apesar de escutarem e se prepararem para quando o bebê nascer, chocam-se com esta nova realidade. O homem e a mulher, que até então são parceiros, namorados e companheiros, passam a assumir os novos papéis de pai e mãe. Estas funções não têm dia ou hora para acabar, sendo para o resto da vida. Dão-se conta de que não vão mais dormir uma noite inteira, que não vão mais viajar à hora que quiser, que não vão mais fazer atividades que pessoas sem filhos fazem. E isto assusta. Precisam de um tempo de assimilação destas novas identidades para este casal.

"...só que a casa não ficava mais fazia e nós não podíamos mais fazer a hora que queríamos e dava vontade..."

As entrevistadas ilustram esta falta de tempo para si mesmas, para se cuidar e cuidar de suas atividades laborais.

"Eu não tinha tempo para ir ao banheiro para passar um fio dental".

A atenção ao neonato tem uma implicação direta na disponibilidade para a atividade sexual:

"Hoje pra mim, a grande diferença na vida sexual é a disponibilidade de tempo, o resto voltou tudo a ser como era antes..."

Apenas uma entrevistada relata, não a falta de tempo, mas a falta de liberdade que

emerge como equivalente da falta de tempo: A liberdade de ir e vir na hora que tiver vontade, pois agora precisa ajustar seus horários e suas atividades à rotina do bebê.

“É o lance da liberdade, ficar tolhida me incomoda”.

Esta entrevistada apresentou uma característica diferente das outras: possui uma administradora do lar, uma babá diária e uma folguista, para quando esta babá se ausenta, tendo planejado voltar a trabalhar após o parto. Assim, durante a amamentação, experimentava sair de casa com a finalidade de fazer o filho se acostumar com as babás.

“Tenho uma babá que fica de 7 da manhã à 7 da noite. Acho horrível a criança que sente tanta falta da mãe. Gosto de ver que ele gosta da babá. Minhas saídas são estratégias para acostumar com a babá. Fiz entrevistas com várias babás antes de meu filho nascer. Contratei uma 20 dias antes de parir... Agora tenho uma babá o dia todo, e empregada o dia todo para todos os dias”.

Para esta entrevistada que se programou antecipadamente para a chegada do filho, o que mudou em sua rotina diária foi almoçar em casa alguns dias da semana, em um contraponto ao apontado abaixo, em que a criança se torna “criança-rei”, em torno de quem circulam os demais membros da família:

“Na Idade Média, não existiam crianças. Elas eram vistas como pequenos adultos e tratadas de acordo com tal visão. Os retratos de família daquela época mostram pais e mães vestidos em sedas e brocados. Parados ao lado deles, todavia, você poderá ver estranhas réplicas em miniatura daqueles pais e mães, vestidos tal qual eles, em uma evidencia gráfica de que as crianças são construídas sob a ótica da mente dos adultos. Daquela época até os nossos dias, as crianças foram elevadas a um status tão exaltado que na família atual os pais

orbitam em torno dos filhos como planetas girando em torno do sol” (MINUCHIN; NICHOLS; LEE, 2009, p. 33).

A dedicação dos pais ao filho é, assim, uma característica da contemporaneidade. Na presente pesquisa, além de se dedicar ao filho sem babá, a entrevistada mostrou se auto-realizar com o cuidado diário com o filho:

"Digo a todos que a minha profissão é ser mãe. Adoro, leio todos os livros, brinco, ensino, vivo com meu filho. Minha vida própria é no horário da escola dele e a noite...não tivemos babá... é mais cansativo, mas muito mais gratificante... e ele é um pai maravilhoso, muito dedicado... praticamente todo o tempo livre é da família, ele raramente traz trabalho para casa, e é um pai presente que dá banho, comida, coloca pra dormir, brinca, briga, faz tudo que tem que fazer".

Neste caso, o casal denota participar de um mesmo conjunto de valores e expectativas em relação ao significado e prática da parentalidade. Já em outro caso, percebe-se uma diferença em relação a este caso. O pai se dedica e participa mais por um pedido da esposa: ele acredita que quem deve se ocupar do bebê é a babá, enquanto ele deve aproveitar seu tempo livre para si próprio, atitude esta característica de quando os cuidados com as crianças eram apenas um encargo feminino. A mulher se sente desequilibrada, dedica-se ao filho, mas percebe que não tem tempo para ela e isto a incomoda.

"Visivelmente no nosso caso, existe uma distinção de como cada um vê o papel de um pai e de uma mãe. Eu acho natural brincar, cuidar alimentar e dedicar meu tempo ao nosso filho nas minhas horas livres e nos finais de semana. Meu marido faz tudo isso também, porém acredita que são tarefas próprias de uma baba e que ele deveria dispor do seu tempo livre para trabalhar e descansar nos fins de semana e que deveríamos ter uma folguista. Confesso que abri mão de minhas atividades

extra trabalho para me dedicar ao nosso filho e que preciso trazer mais equilíbrio a minha vida."

Portanto, neste caso, embora aparentemente aconteça um acordo entre os cônjuges quanto às práticas de cuidados do bebê, há um desacordo em termos de valores e expectativas. Estudos têm apontados (GEORGAS; BERRY; VIJNER; KAGISTÇIBASI; POORTINGA, 2006) que, apesar de todas as mudanças ocorridas na sociedade, as mulheres de fato continuam encarregadas quer dos cuidados domésticos, quer das crianças. A anotar, contudo, que estes mesmos estudos apontam para uma mudança no modo de o homem assumir a parentalidade, conforme evidenciado pelos casos acima relatados.

Elizabeth Badinter, filósofa francesa lançou um livro recentemente no Brasil *O conflito: a mulher e a mãe* (2011), que gerou muitas controvérsias. Badinter ataca um grupo de feministas que ajuda a consolidar no pensamento moderno a idéia de que toda mulher deve ser mãe e perfeita. Ela acredita que existem pessoas que são contra o parto cesariano porque acreditam que a mulher deve sentir dor para parir, que há beleza nisto, e as mães não devem nunca ter indisposição para suprir as necessidades dos seus filhos. A autora afirma que a pressão sobre as mulheres causam culpa e muita frustração (BADINTER, 2011).

A autora acredita que as feministas estão contribuindo para que as mulheres regressem ao lar. Muitas acabam deixando o mercado de trabalho no intuito de atender às demandas do bebê que recaem sobre elas, mulheres de alta escolaridade e com chances de prosperar. Algumas desistem de ter filhos diante da idéia de se tornarem reféns de tantas exigências sociais (BADINTER, 2011).

"...escolhi parar de trabalhar quando engravidei... decidi ter filhos e depois pensar no que fazer... não tive problemas com o fato de não trabalhar porque não gostava do meu trabalho e adoro a vida doméstica..."

As "supermães" de hoje acreditam que, ao se dedicarem incondicionalmente a seus filhos, colocando sempre as vontades deles em primeiro lugar, produzirão uma

criança perfeita. A autora coloca que observa muitas mães brincando com seus filhos nos parques, e que estão com um olhar vazio. Conclui-se que estas mulheres não conseguem admitir que não queriam dedicar todo o seu dia às crianças. Acabam se sentindo frustradas e com medo de que admitir isto signifique que amam menos os seus filhos (BADINTER, 2011).

Na presente pesquisa, em apenas dois casos pode-se verificar que as mães deixaram o trabalho em função dos filhos; porém, as duas mulheres se sentem realizadas com tal função, não sentindo falta de seus trabalhos e nem tristes. Um caso difere bastante da fala da Badinter (2011), na medida em que ela já se preocupa enquanto está na licença maternidade, que seu filho se acostume com a babá para que ela possa voltar a trabalhar.

“Acho horrível a criança que sente tanta falta da mãe... gosto de ver que o bebê. ele gosta da babá, minhas saídas são estratégicas para ele se acostumar com ela... já planejei tudo, almoçarei em casa alguns dias da semana... precisa ter rotina”.

Com esta fala, pode-se perceber que a entrevistada achou um equilíbrio entre os seus desejos e as necessidades de seu filho, diferente de muitas mulheres atualmente que buscam ser o contrário de suas próprias mães. Elas assistiram suas genitoras tentando equilibrar-se em uma rotina exaustiva, dividindo-se entre trabalho e filhos. Com isso, elas vêem no exercício da maternidade em tempo integral uma chance de levar uma vida menos maçante, mais prazerosa e plena. Se elas não tivessem esta pressão de serem perfeitas, poderiam conseguir conciliar ser mãe com o trabalho de uma maneira mais leve (BADINTER, 2011).

“...sempre vi minha mãe indo ao trabalho cansada e triste...até que adoeceu... naquele dia resolvi que quando tivesse um filho não ia querer repetir a mesma história...”

Em um dos casos, foi possível verificar esta culpa por não estar perto do filho uma parte do dia. A mulher fica dividida e muitas vezes o que gera culpa por estar longe do filho e frustração por não ir atrás de seus anseios.

“...quando ele nasceu fui descobrindo que queria ficar ali só com ele. Com um tempo, percebi que estava com vontade de voltar a trabalhar, mas me senti culpada e com medo de estar sendo uma péssima mãe por não me dedicar exclusivamente a ele... sinto até hoje muita culpa quando me afasto... amo os momentos que passo com ele, mas sinto falta de uma parte da minha vida...”

Quanto à divisão de tarefas, todas as entrevistadas, exceto uma, retornaram às suas atividades ocupacionais após alguns meses depois do parto. Porém, os conjugues masculinos da presente pesquisa continuaram a trabalhar normalmente apenas uma semana de folga após o parto. No entanto, muitos homens atualmente assumem uma identidade de se sentir grávido com a mulher e quer participar da vida e dos cuidados com a criança (KAUFMANN, 2010).

"Houve uma divisão de tarefas... eu cuidei da busca de um novo apartamento além da montagem do quarto do bebê e da compra do enxoval, enquanto que ele se dedicou ao projeto da casa... no final da gravidez tive indisposição física... que não me deixava muito interessada em programas e compromissos sociais e nós costumávamos sair bastante antes. Ele ficou muito ansioso e preocupado com minhas atividades de trabalho, pois achava que eu estava pondo em risco minha gravidez. Isso foi um aspecto estressante, pois eu tinha responsabilidades profissionais e não poderia abrir mão do meu trabalho por estar grávida... tive que ter muito jogo de cintura..."

Neste caso, pode-se verificar uma divisão de tarefas do casal no período da gravidez com a esposa sentindo que precisava arcar com seus compromissos profissionais enquanto o marido não concordava, avaliando que ela estava colocando em risco a gravidez, o que mostra uma incompatibilidade de crenças quanto aos respectivos papéis e funções conjugais e parentais. Nesta situação, percebe-se que não importou o saber médico, e sim como cada um pensou e sentiu a gravidez. Assim, a

entrevista verbalizou que precisou ter muito “jogo de cintura” com seu marido e o estar grávida, pois, embora tenha havido a divisão de tarefas quanto à montagem do espaço para a nova configuração familiar, não houve acordo quanto ao significado dado à importância do trabalho feminino em relação à própria gravidez.

Também se deve destacar que este casal, por ser de classe média alta, teve condições financeiras para mudar de espaço para o nascimento desta criança, facilitando a entrada do novo membro nesta família.

Outra entrevistada relatou que, quando estava grávida, optou por diminuir suas atividades no último mês de gestação para curtir o momento da gravidez, enquanto o marido passou a cuidar mais dela do que antes de estar grávida.

"Eu parei de trabalhar no sétimo mês da gravidez para ficar gestando (descansando e montando quarto, enxoval, essas coisas). Antes disso, nada mudou, só os cuidados dele comigo que aumentaram."

Conforme já mencionado, como resultado da pesquisa, pode-se verificar que todos os maridos trabalhavam antes do parto de suas esposas, e voltaram a trabalhar numa média de cinco dias após o parto. Já as mulheres, todas trabalhavam fora de casa antes da gravidez e apenas uma não voltou a trabalhar após o bebê nascer.

Em quatro casos, as entrevistadas se organizaram para voltar a trabalhar, contratando babá e/ou ajudante do lar. Nestes casos, uma mulher substituiu outra.

Em outro caso, a entrevistada contratou ajudante do lar para realizar as tarefas domésticas e reorganizou a sua rotina e a de seu esposo para voltar a trabalhar alternadamente, para sempre um dos dois ficar com o bebê, não delegando para babá. Neste caso, a mãe recorreu a ajuda doméstica, mas reservou para si o cuidado do filho, alternando-o com o esposo, revelando uma situação de reciprocidade no modo de cuidar do filho.

Em outro caso, a entrevistada não voltou a trabalhar dedicando-se exclusivamente ao bebê, enquanto seu marido exercia a função de trabalhar fora de casa e suprir as necessidades financeiras do lar. Contratou apenas uma ajudante do lar para realizar as tarefas domésticas. Esta solução corresponderia à mais tradicional, em que a mulher permanece em casa e o homem sai para o trabalho na rua.

Portanto, as práticas de cuidados ao bebê variaram bastante, revelando diversos tipos de ajustes entre o casal e deste com relação à sociedade.

4.1.7 O amamentar e a vida sexual no pós-parto

“Os estudos já demonstraram que são inúmeros os benefícios do aleitamento materno, especialmente o exclusivo, que deve ser mantido, segundo a OMS, por um período de seis meses, quando, a partir daí, deve ter a complementação de outros alimentos. Esta recomendação está fundamentada em estudos que comprovam a suficiência nutricional do leite materno, sem a introdução de outro alimento, líquido ou sólido, durante os seis primeiros meses. Há outras vantagens, como a redução das infecções agudas e o menor desenvolvimento de atupia. As mães que, eventualmente, não puderem amamentar seus filhos neste período podem retirar o seu leite e oferecê-lo por outros meios” (ABRAÃO, 2006, p. 79).

A citação acima descreve a importância do ato de amamentar. Porém, cada caso trás suas particularidades. Há mães que não conseguem produzir leite, outras que conseguem, mas o leite seca, algumas que têm leite mas como precisam voltar a trabalhar, precisam tirar leite com bombinha e deixar para outros darem na mamadeira, sendo que, às vezes, o bebê, depois que pega a mamadeira, larga o peito, e outras que, simplesmente, decidem não amamentar os seus filhos, ou porque não gostam ou porque lhes traz algum incômodo.

Em todas estas situações, haverá algum tipo de tensão. As que não conseguem

produzir leite ou quando o leite seca, sentem-se menos mães inferiores às demais. Têm medo de que seus filhos não sejam fortes e saudáveis. Já as que não querem porque não gostam de aleitar, sofrem uma espécie de estigma em uma sociedade que valoriza altamente o aleitamento materno. No entanto, se o ato de amamentar causa incômodo à mulher, esta não terá um sentimento de plenitude e não trará o amor esperado para o bebê naquele momento.

Todas as entrevistadas amamentaram seus filhos no mínimo seis meses, como é recomendado pelo sistema de saúde. Destas, quase todas verbalizaram gostar do ato de amamentar.

"Amamentei-o até os seis meses e meio. Amamentar era um momento de muita intimidade e amor entre eu e meu filho. Sempre quis amamentar e gostaria de ter conseguido por mais tempo, mas não tive leite suficiente. Quando parei de amamentar, o meu filho já estava recusando o peito, dando preferência à mamadeira."

"Amamentei nove meses, amei a amamentação, achei lindo, realizador, fantástico..."

"Amamentei quase dois anos. Me sentia ótima. Cansada, porque ele mamou exclusivo até sete meses e neste período não dormia mais que duas horas seguidas por noite. Mas era muito prazeroso."

"Amamentei até um ano. Foi ela quem largou, por mim não largaria. Tinha muito prazer em amamentar".

"Tô amamentando, gosto. Dói no início, mas depois caleja. Mas para mim o ato de amamentar foi muito importante, pois meu filho ficou na neonatal sete dias. Eu entrava às 7 da manhã e saía às 10h da noite. Amamentava, ordenhava, a rotina era

puxada. Hoje faço o seguinte: programo as mamadas e quando tenho compromisso, deixo o leite ordenhado..."

Atualmente, os pediatras solicitam às mães que caso tenham leite, amamentem seus filhos exclusivamente de leite materno até os seis meses, pois é considerado um alimento completo para nutrir e ajudar a proteger a criança de infecções virais. A mídia realiza campanhas constantes neste sentido, utilizando celebridades que são referência, principalmente visando mulheres de baixa renda.

Todas as entrevistadas mostraram conhecer a importância da amamentação para seus filhos.

"...preocupada com a amamentação..."

A amamentação foi relatada como um momento de realização para estas mulheres, de amor, intimidade, prazer, ao mesmo tempo em que é cansativo, às vezes caleja, fere. Esta contradição indica a amamentação como um ato de doação destas mulheres para com seus filhos e como sintoma da pressão à "mãe-perfeita", apontado por Badinter (2011) e pela existência de redes sociais que incentivam fortemente tal prática, conforme o estudo de Sales (2011). Esta última autora (p. 54), apoiada em outros autores, também aponta que a amamentação, apesar de ser um comportamento biologicamente induzido, é socioculturalmente condicionado, impregnado de ideologias e determinantes que resultam das condições concretas de vida.

Quanto à atividade sexual durante a amamentação, em três casos as entrevistadas relataram que amamentar não dificultou tal atividade. Os maridos não se incomodavam com a presença do leite nos seios, seios que antes eram apenas objetos de prazer e sedução e, com o leite, passaram a ganhar duas funções, esta e a de nutrir.

"E para o meu marido o fato de eu amamentar não foi um empecilho pra gente namorar não."

Destes casos, apenas em um pode-se verificar que a mulher não se importava com os seios de leite na relação sexual.

“E meu marido gostava que eu amamentasse também e não se incomodava com o leite na hora do sexo”.

No entanto, a amamentação pode surgir como um incômodo na relação sexual.

“Ah tranquilo pra ele (quando perguntada sobre o sexo durante a amamentação). Ele ate brinca que eu tô turbinada. Eu que não me sinto bem porque tá feio... vaza leite. Mas namoro e fico lá com o sutien, feio e com o absorvente de leite.. .Mas achava pior, mais feia, grávida.”

Em apenas um caso a entrevistada verbalizou que a amamentação atrapalhou o relacionamento sexual porque ela se incomodava com a presença do leite e passou a não se achar uma mulher sedutora daquela forma, atingindo a sua auto-imagem e auto-estima.

“Com a amamentação dificultava um pouco a questão prática, pela lubrificação que ficou bem menor, os peitos jorrando leite e eu me sentia uma vaca, não uma mulher... depois que parei de amamentar, as coisas começaram a voltar lentamente”.

No artigo *Prolongamento da Amamentação após o Primeiro Ano de Vida: Argumentos das Mães*, os autores colocam que desde a década de 80 do século XX, observa-se na literatura à lactação como um dos elementos essenciais ao crescimento físico, funcionamento imunológico e desenvolvimento psicológico de crianças, principalmente no primeiro ano de vida. Sendo o leite humano considerado o único alimento capaz de atender, de maneira adequada, a todas as peculiaridades fisiológicas do metabolismo das lactantes. Os autores também citam outro benefício importante ao falar que a prática da amamentação constitui uma condição potencial de economia para a família e para o Estado, que pode reduzir os custos com a aquisição e/ou importação de fórmulas lácteas e leite em pó para suprir as

necessidades decorrentes das práticas de desmame precoce (CARRASCOZA et al., 2005, p.1).

As práticas familiares podem ser vistas como decorrentes da ideologia estatal dominante (BOURDIEU, 1993). Deste modo, como apontam os autores acima, vários são os motivos para o incentivo à prática do aleitamento materno. O ponto de vista das mulheres entrevistadas acrescentaria algumas interrogações a tal incentivo, conforme a indicação de Badinter: a quem está servindo a amamentação exclusiva e prolongada do bebê, além do próprio bebê e da relação mãe-criança quando por ela favorecida? Como a amamentação interfere no relacionamento sexual do casal? Quais as conseqüências futuras desta possível intervenção?

4.2 Tipos de conjugalidade e a sexualidade decorrente da parentalidade

Neste item, será apresentada a análise das entrevistas na forma de estudos de caso, procurando evidenciar a história conjugal em relação à sexualidade e parentalidade segundo o relato de cada uma das participantes. Esta análise se apoia na tipologia de Aboim (2004).

4.2.1 Os estudos de caso

Caso 1: F e B namoraram nove anos e casaram há três anos. Conheceram-se, tornaram-se amigos e só começaram a namorar depois de um tempo. Terminaram o relacionamento e voltaram algumas vezes, passando um bom tempo morando em cidades diferentes. A entrevistada conta que considera o seu relacionamento conturbado, e deve isso ao fato de tanto ela quanto seu esposo terem personalidades muito fortes, e por seu marido ser filho único, de uma mãe que dedicou toda a sua vida a ele. Com dois anos de casados, tiveram o primeiro filho. Não considera a sua relação ideal, mas se empenham em resolver as diferenças. Antes da gestação, tinham uma vida social muito ativa. Os dois têm uma vida profissional intensa, trabalhando o dia todo. A esposa gosta de manter a sua

independência. Sente que o marido não pensa como ela quanto aos cuidados com o filho, sentindo que ele se doa menos do que ela. Em relação à atividade sexual, a frequência era pouca antes do bebê nascer, diminuindo mais ainda. A entrevistada considera ter um filho como um grande desafio na vida do casal e pessoal. São um casal que dividem as tarefas, e os dois têm uma vida individual muito bem demarcada.:

Aqui se pode perceber um casal, de acordo com a tipologia de Sofia Aboim, como *companheirismo em construção*. A entrevistada marca bastante o seu território dentro da relação. Sua profissão recebe uma atenção muito grande, tanto que, na gravidez, houve um momento em que seu esposo pede para ela se afastar com receio de trazer alguma consequência para o bebê. Depois de verificar que nada aconteceria, continua trabalhando e diz:

“ele ficou muito preocupado com minhas atividades laborais na gravidez... foi estressante... tinha responsabilidades profissionais e não poderia abrir mão do meu trabalho por conta da gravidez”.

Não há um romantismo no casamento, e muita pouca fusão, como se pode ver com a fala:

“Ainda hoje encontramos dificuldades em mantermos uma convivência harmônica, não considero nossa relação algo ideal...”.

Levanta-se a hipótese de que a chegada de um filho só fez eclodir uma situação que já existia. Os dois já tinham vidas independentes e uma busca por igualdade de gêneros. Os dois demonstram que precisam delimitar seus espaços. Com a chegada do filho, a mulher não tem outra opção a não ser a de se dedicar a esta criança, diminuindo o seu tempo para si e para o outro, como se observa na fala:

“...diria que o que mais mudou foi a atenção que cada um de nós passou a receber do outro. Sinto que um filho desperta

muito mais amor nos seus pais e que a relação do casal passa a ficar em segundo plano...No nosso caso, existe uma distinção de como cada um vê o papel de um pai e de uma mãe... confesso que abri mão de minhas atividades extra trabalho para me dedicar ao nosso filho e que preciso trazer mais equilíbrio para a minha vida. Ele também abriu mão, porém consegue manter seus compromissos sociais à noite com seus amigos.”

Portanto, mesmo com a “igualdade entre gêneros” manifestada na gravidez, por exemplo, quando a esposa continua a trabalhar mesmo contra o desejo de seu marido, após o nascimento do filho, ela parece assumir uma posição mais tradicional feminina, dedicando-se ao filho e em trazer harmonia ao lar.

Caso 2:

“Antes da gravidez tínhamos cumplicidade, mais depois ficamos mais unidos, como uma família. Tudo é decidido junto, sem individualismo”.

Esta fala exemplifica que se trata de um casal classificado para Aboim como “Amor de alternância”. Onde existe amizade e ajuda mútua dentro da conjugalidade, uma relação de companheirismo, mas também de paixão e desejo. O sexo tem importância aqui.

“A relação sexual não mudou em si, acho que mudou temporalmente, pois com as crianças o sexo passa a ter hora marcada... Mais o tesão continua o mesmo”.

Neste tipo de conjugalidade, a mulher se divide entre várias funções: trabalho, casa, filhos, família e a relação conjugal. A mulher tem autonomia nas rotinas e na intimidade.

Como neste tipo de relação existe diálogo, interesses em comum, cumplicidade,

sentimento, forte territorialização das instâncias privilegiadas do eu, casal, família realização profissional e bem estar pessoal, a par do investimento fusional, abertura ao exterior, sociabilidade forte, características que fazem com que este tipo de casal se adapte ao nascimento da criança mantendo a relação conjugal se sentindo até mais unidos.

O trabalho mudou muito, pois eu tive que assumir todas as funções de cuidado direto dos meninos, mudando muito minha rotina. Como temos a empresa, também tive que assumir funções que antes não assumia”.

Pode-se perceber que nem o esposo nem a esposa perdem seu espaço ou deixam de ter interesse no outro. Lidam com o nascimento encarando a nova realidade, mas entendendo que agora além dos papéis de filhos e de marido e mulher têm também a nova função de pais.

“Logo após o nascimento, nas primeiras semanas, a vida sexual era inexistente... Aos poucos, a criança vai crescendo e você se acostuma com ela, com suas particularidades, com o trabalho que ela dá e seu corpo também volta ao normal o que me faz sentir mais mulher, mais desejada. Ai ocorre a mudança e seu marido passa a te atrair novamente, sentia vontade de estar com ele inicialmente, sair e fazer coisas banais e depois vem o desejo sexual mesmo. A relação ficou boa, o sexo fica tão bom ou melhor porque você tem uma relação ainda mais forte, como se o amor tivesse crescido. Volta tudo ao normal, parece que não vai voltar mais volta”.

Caso 3:

“Tivemos uma história bem romântica”.

Assim se define este casal pela visão da esposa. Começaram a namorar ainda na adolescência, “...com separações e reencontros cinematográficos...”, voltando a se

reencontrar na vida adulta já mais maduros. A entrevistada considera que são muito parecidos em vários aspectos

“...dizem que somos um casal que dança de tão encaixado...”

Neste caso claramente se trata de um casal classificado por Aboim de “Companheirismo Apaixonado”, característico por uma identidade conjugalizada, presente em namoros muito jovens. Os membros do casal vão se conhecendo e formando as próprias identidades pela alteridade. Aqui, a paixão e atração são supervalorizados.

“... Bom, os momentos de paixão continuam indo e voltando... como casal foi muito gratificante ver que do nosso amor, geramos uma criança e que ela é fruto disso...”

O sentimento família é muito forte; de acordo com Aboim, este casal dá ênfase ao “nós casal” e ao “nós família”.

“Parece que o casamento só começou de fato depois que ele nasceu... Meu esposo sempre teve uma individualidade super bem resolvida. Eu só conheci de fato a individualidade com o casamento e foi uma ótima descoberta. A gravidez e o nascimento tiraram tempo, mas aprendemos a valorizar os momentos individuais e conseguimos ter esses momentos sempre, ainda bem! Nesse aspecto, o professor foi o casamento e foi muito tranquilo Isso não mudou com a gravidez, só diminuiu a frequência dos momentos dele”.

Desta forma, para a mulher a família é mais importante do que a profissão, mas esta, caso aconteça, também pode ser gratificante.

“...bom, antes dele nós trabalhávamos muito ... estávamos sempre juntos e gostávamos de trabalhar juntos, sempre nos demos bem no trabalho. Perto de engravidar decidimos mudar

totalmente a vida ... a grande mudança em termos de trabalho foi por decisões de vida, não pelas crianças, apesar delas serem minha motivação...

Outra característica importante deste tipo de conjugalidade é a ausência de atividades individuais, pouco espaço para o “EU”.

“...Na vida prática, mudou muito minha rotina, porque passei a me dedicar exclusivamente a criança, o que é muito gratificante, apesar de super cansativo. Não tive problemas com o fato de não trabalhar porque não gostava do meu trabalho e adoro a vida doméstica. Meu esposo ficou preocupado com esta escolha mas depois percebeu que eu estava feliz em ficar em casa...digo a todos que minha profissão é ser mãe. Adoro, leio todos os livros, brinco, ensino, vivo com meu filho. Minha vida própria é no horário da escola dele e a noite...”

Neste caso, o sexo tem muita importância:

“... Hoje, pelo tempo de convivência e a segurança inimaginável que filho traz para nossa relação, acho que o sexo fica cada vez mais aberto, curtido, sem medo nem expectativas. E não consigo imaginar isso sem as experiências e emoções que os filhos nos fazem passar... acho que o entrosamento e o companheirismo realmente melhoram nossa vida sexual...”

A rotina aqui é muito fusional, são parceiros de vida companheiros, característica deste tipo de conjugalidade:

“...A parceria e companheirismo atingiram um nível que eu nem conhecia depois da gravidez.Sempre fomos parceiros e melhores amigos, mas hoje temos uma vida totalmente

interligada, interesses e projetos praticamente dependentes. ... nós gostamos e ficamos muito felizes com isso. ... certeza absoluta de que somos capaz de superar tudo juntos e isso é muito gostoso, tranquilizador...”

Existe uma grande abertura à sociabilidade, porém o sentimento de “nós casal e “nós família” se mantém como prioridade.

“... Como casal, a grande diferença que noto é que depois dos filhos precisamos priorizar, para conseguir, momentos nossos, a sós, coisa que antes era natural, já que todo nosso tempo livre era nosso... nossa vida social é muito intensa e precisamos sempre fugir de convites para conseguir um jantar a dois, mas achamos isso importante e fazemos questão de ter esse momento de vez em quando...”

Caso 4: Este casal pode-se definir como *Companheirismo apaixonado*, assim como o acima, descrito por uma atração forte e valorização da paixão.

“Desde o dia que o conheci descobri que era o homem da minha vida, minha alma gêmea. O conheci ainda na faculdade, namoramos e logo nos casamos. Até hoje, quando ele chega do trabalho, sinto meu coração bater mais forte... na verdade, nem precisa... basta o meu celular tocar e ser ele, eu já mudo...”

Há uma relação de construção permanente:

“Nós damos muita importância para nós dois, sempre damos... sempre falamos que o amadurecimento no casamento fez de nós um casal melhor... o que cada um vê que tá errado, tenta consertar”.

É dada grande importância à sexualidade, que é cuidada e alimentada:

“Nós dois gostamos muito de fazer sexo. Sempre. Ele foi meu primeiro e único... mesmo assim o tesão não acaba nunca. Me preocupo sempre com isso, então sempre estou a comprar lingerie nova”.

Nota-se a procura de igualdade de gênero, mas também fusão emocional, intimidade, comunicação e apoio mútuo.

“Sempre quando um precisa, o outro estende a mão. Somos parceiros, falamos que estamos numa gincana, que é nossa vida juntos até então”.

Neste tipo de conjugalidade, a autonomia feminina interior é mínima, onde apenas poucos pensamentos não são partilhados. O valor dado à família é maior do que o da profissão. No entanto, o âmbito profissional não é totalmente negado, mas considerado prazeroso caso a mulher consiga encaixá-lo junto com seus afazeres familiares. Existe uma ausência de atividades individuais.

“Tudo o que faço é com meu esposo, menos minhas atividades físicas... se não estou com ele, estou com meus filhos... sinto falta às vezes de trabalhar e ter o meu espaço... mas também quando saio sem eles sinto uma falta enorme e fico louca pra voltar pra casa. Hoje não trabalho porque dou prioridade para ficar cuidando dele... quando estiver maior vou trabalhar de novo, acho”.

A fusão emocional é muito forte, onde existe um sentimento forte, nós casal/nós família. As rotinas são muito fusionais, fazem tudo juntos. Mas existe também abertura e sociabilidade.

“Nós temos muitos amigos. Apesar de sermos reservados, aonde vamos temos facilidade de fazer amizades. Gostamos de sair com outros casais e/ou família.”

Como neste tipo de conjugalidade o casal faz tudo junto, faltando uma autonomia maior por parte da mulher, com o nascimento do filho, esta se sobrecarrega e o espaço que tinha antes para si, cede ao filho e ao marido.

Caso 5: Como no segundo caso relatado, este casal pode ser considerado como *Amor de alternância*. É o segundo casamento do marido, que já possui um filho do outro casamento. A entrevistada dá muita importância ao seu trabalho, onde é bem sucedida. Diz se sentir sobrecarregada com várias funções e demandas, mas consegue se dividir entre o lar, o trabalho, o filho, o casamento e a família. Percebe que precisa delegar algumas tarefas, o que já está fazendo.

“Meu marido mesmo me acha uma super mulher e sei que fui eu quem fez ele construir esta imagem minha, porque eu sempre dou conta de tudo, não aceito ajuda... na verdade eu era assim, hoje estou desconstruindo isso com ele e ele está sendo mais flexível, me entendendo mais”.

Considera seu casamento sólido e se dá conta de como este marido é companheiro e contribui para a esfera doméstica. É dada muita importância à sexualidade do casal e do tempo para se dedicar ao outro.

“A vida sexual sempre foi ótima... a gente está voltando agora à vida de casal depois do nascimento do nosso filho...vou até viajar com meu marido sem filho... a gente não pode deixar de cuidar deles também... ele é um marido maravilhoso.”

Caso 6: Este casal também pode ser considerado *Amor de alternância*, como nos casos acima e como no segundo. Conheceram-se numa festa e logo começaram a namorar. Sempre tiveram uma vida planejada, noivado e casamento.

“Sempre tudo muito bem planejado e organizado, um cuidando do outro”.

No relacionamento, os dois mantêm suas atividades individuais, valorizando a vida de casal, a família e o tempo dedicado ao filho. Os dois são bem sucedidos no trabalho e por ter a vida bastante planejada, organizaram-se para a chegada do filho, nos aspectos sociais, econômicos e emocionais.

“Nós somos um casal fora do padrão, nós planejamos tudo!”

É um casal que privilegia a vida de casal e a vida sexual.

“...a gente não pode virar só pai e mãe... não ficar falando só de filho o tempo todo, falar de assuntos externos também. A gente não quer repetir os erros dos outros... ah, nasceu um filho e adeus a gente, não dá!”

Parece assumir uma não fusão em relação aos filhos, uma independência do casal frente à parentalidade.

Meu relacionamento sempre foi muito tranquilo, pois sempre dizem que nos parecemos muito e gostamos das mesmas coisas. Gostamos de sair juntos nos finais de semana, viajar todo ano, dividir responsabilidades da casa. Sempre nos preocupamos com o bem estar do outro e se um tiver alguma dificuldade sempre contamos com o outro, para solucionar, desabafar, dar idéias. O relacionamento sexual sempre foi bom. Não mudou muito depois da gravidez, só ficamos com menos tempo para nos curtir e planejar as coisas. Continuamos muito cúmplices.”

4.2.2 Ensaio de análise da relação entre tipo de conjugalidade e sexualidade e no pós-parto

Na Tabela 4 foi realizada uma síntese de como em cada tipo de conjugalidade proposto por Aboim (2006) a sexualidade do casal se transforma com a chegada do bebê.

Tabela 4 - Tipos de Conjugalidade e transformações na sexualidade

Conjugalidade	Sexualidade pós parto
Companheirismo em construção	Diminuiu a freqüência das relações sexuais e o desejo.
Companheirismo apaixonado	Diminuiu a freqüência, mas o entrosamento e o desejo sexual aumentaram. A qualidade da relação ficou ainda melhor para os casais.
Amor de alternância	Diminuiu a freqüência, mas o entrosamento e o desejo sexual aumentaram. A qualidade da relação ficou ainda melhor para os casais.

Como já dito anteriormente, na presente pesquisa foi possível classificar as seis entrevistas em três tipos de conjugalidade: *Companheirismo em construção*, *Companheirismo apaixonado* e *Amor de alternância*, sendo que três casos se encaixaram em *Amor de Alternância*; Dois casos em *Companheirismo apaixonado* e apenas um caso em *Companheirismo em construção*.

Nos três tipos de conjugalidade, a sexualidade continuou tendo a mesma importância. No tipo *Companheirismo em construção*, onde a sexualidade não tinha uma grande importância, continuou da mesma forma, diminuindo mais ainda a freqüência e o desejo. Já nos tipos *Companheirismo Apaixonado* e *Amor de Alternância*, em que o sexo já tinha grande importância, ganhou uma atenção maior

ainda depois do nascimento do bebê. A frequência das relações sexuais diminuiu por questões de tempo, disponibilidade e cansaço do casal, porém a satisfação sexual teve uma melhora considerável relatada pelas entrevistadas.

Pode-se concluir que nos tipos de conjugalidade onde os parceiros dão importância à sexualidade e o relacionamento tem nesta um pilar, o nascimento de um filho, considerado um grande marco na vida de um casal, traz mudanças significativas nas suas vidas, porém não piora a sexualidade do casal. Ela se transforma, amadurecendo junto com a evolução do casal. As dificuldades, nestes tipos conjugais, trazem benefícios a longo tempo. As cinco entrevistadas que se encaixam nestes dois tipos de conjugalidade relataram que o nascimento de seus filhos trouxe muitas dificuldades, e transformou bastante a conjugalidade e a rotina, porém sentem-se mais felizes em seus casamentos, considerando-os mais fortes, tendo havido um aumento na sua admiração em relação a seus esposos, e uma satisfação sexual melhor do que antes do parto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo entrevistou seis mulheres, mães recentes, três por meio de entrevistas realizadas presencialmente, três por meio da internet. Na investigação foi utilizado o método qualitativo de análise de conteúdo. De acordo com Flick (2009), a entrevista qualitativa não escapa aos efeitos da revolução digital e tecnológica. Poder utilizar os recursos de comunicação disponíveis na Internet permitiu que o acesso as entrevistadas, assim como o acesso a intimidade do casal, ocorresse mais facilmente.

Portanto, a primeira consideração final é de ordem metodológica, pois não houve diferenças importantes entre estes dois modos de abordagem. De fato, algumas mulheres declararam sentirem-se mais confortáveis utilizando um meio indireto para falar de assuntos íntimos, do que conversando diretamente com a entrevistadora.

Para minimizar as diferenças de resultado entre as entrevistas presenciais e as não-presenciais, foi necessário organizar as entrevistas on-line de forma mais interativa, mantendo o objetivo do presente estudo de realizar uma pesquisa qualitativa semiestruturada. As pesquisas, realizadas via e-mail, foram realizadas seguindo o modelo de um diálogo, com uma pergunta por vez. Feita a pergunta, aguardava-se a resposta, para só então enviar uma próxima pergunta, permitindo assim, que as perguntas fossem modificadas de acordo com as respostas recebidas.

Quanto aos objetivos traçados para o trabalho, no que diz respeito às implicações da chegada do primeiro filho na vida sexual do casal, segundo a ótica da mulher, pode-se concluir que nos tipos de conjugalidade (*Companheirismo Apaixonado* e *Amor de Alternância*) onde os parceiros dão importância à sexualidade e o relacionamento tem nesta um pilar, o nascimento de um filho, considerado um grande marco na vida de um casal, trouxe mudanças significativas nas suas vidas, porém não piorou a vida sexual do casal. As cinco entrevistadas que se encaixam nestes perfis de conjugalidade, relataram que o nascimento de seus filhos trouxe muitas dificuldades, e transformou bastante a conjugalidade e a rotina, porém sentem-se mais felizes em seus casamentos, considerando-os mais fortes, tendo havido um aumento na sua

admiração em relação a seus esposos, e uma satisfação sexual melhor do que antes do parto. Portanto, a relação sexual se transforma, amadurecendo junto com a evolução do casal. As dificuldades, nestes tipos conjugais, trazem benefícios a longo tempo.

No tipo de conjugalidade onde a sexualidade não era vista com importância (*Companheirismo em Construção*), a chegada do primeiro filho agravou a questão sexual do casal, pois além da diminuição da frequência das relações, ocorreu ainda a diminuição do desejo sexual. Como a sexualidade e a comunicação do casal estão interligadas, devido à diminuição das relações sexuais, criou-se um abismo entre o casal, aumentando o sintoma de não comunicação, fazendo vir à tona uma crise conjugal. O casal, desta forma, com passar do tempo envolvido neste contexto, se distanciou e começou a não se reconhecer mais um no outro. A alteridade deixa de existir. O individualismo se contrapõe ao que deveria ser a individualidade.

Portanto, embora os casos sejam poucos, pode-se levantar a hipótese de que os tipos de conjugalidade conforme Aboim (2006) podem vir a estar associados a manejos diferenciais quanto à sexualidade ante a parentalidade.

Com relação aos aspectos psicológicos e psicossociais, envolvidos no processo gravídico e da parentalidade na vida do casal segundo a ótica da mulher, algumas questões se mostraram preponderantes. O nascimento de um filho exige muito do casal. De acordo com Aboim (2006), a transição para a parentalidade traz uma enorme mudança para o casal, acarretando reestruturações das posições de gênero, lógicas afetivas, fusões, autonomias, trabalho, lazer e as próprias atividades do cotidiano.

Durante a gravidez, devido aos processos metabólicos, fisiológicos e psicológicos alterados, a mulher desenvolve uma labilidade emocional deixando-a mais sensível, com menos disposição para realizar tarefas simples que faziam parte do seu cotidiano. Desta forma, foi possível verificar que as entrevistadas, durante o período gravídico se sentiram indispostas, como, por exemplo, para sair à noite com seus maridos e realizar outras atividades que faziam parte do seu dia a dia. Houve então uma reestruturação na conjugalidade para abarcar esta “nova” mulher.

Outro aspecto verificado está relacionado ao trabalho. Devido ao nível social, cultural e intelectual, apenas uma das seis entrevistadas optou por parar de trabalhar. As demais sentiram falta da atividade laboral, sobretudo devido ao sentimento de independência decorrente deste. Nestes casos, o aspecto econômico não foi determinante na escolha, pois alguns casais podiam abrir mão da atividade remunerada desempenhada pela mulher. Estas, mesmo tendo o marido encorajando o fim da atividade laboral, não abriram mão de trabalhar.

Como resultado obtido, as entrevistadas relataram que os primeiros dias após a chegada do bebê foi um período considerado “difícil”. Tanto elas quanto seus maridos tiveram que se adaptar e remanejar seus tempos e horários para abarcar o novo membro na família. Se antes eram apenas marido e mulher, passaram a exercer a função de pais. Foi relatado por duas entrevistadas, que embora já conhecessem “tudo pela teoria”, porém viram que, na prática, era muito diferente. Em um casal, houve uma divergência na decisão relacionada ao bebê devido a que, por terem cada um a sua própria bagagem familiar e cultural, não haviam conversado para chegar a um consenso. Em outro casal, por existir um planejamento já estabelecido, a chegada do filho foi mais tranquila quanto à questão da adaptação. Outra entrevistada relatou que, para o casal não foi difícil incluir um novo membro, porém sentiram-se exauridos com esta nova função, demorando um tempo para assimilarem a mudança. Outra entrevistada se sentiu cobrada pelo marido para voltar a ser “a mulher” dele, pois este sentiu, logo no início do período pós-parto, que nunca mais teria a sua mulher de volta.

Deste modo, pode-se observar diversas dinâmicas conjugais relacionadas à gravidez, em que alguns aspectos – como a indisposição feminina para a vida social noturna, a importância do fator financeiro, cultural e social na continuidade e retorno feminino ao trabalho e que a chegada do bebê implica em um “período difícil” para o casal. Em relação à dificuldade deste período, dois elementos emergiram: o planejamento anterior no sentido de o casal ter se comunicado a respeito de como enfrentariam este momento e o modo de o marido lidar com a interrupção da vida sexual.

Com relação à sexualidade, o pós-parto foi marcado pelo sentimento geral de

desinteresse sexual por parte da mulher. Os fatores motivadores deste sentimento dividiram-se em questões fisiológicas e psicológicas. A recomendação médica de quarentena foi um fator de alívio para a maioria das entrevistadas. Estas relataram ter vivido grande tensão imaginando quando este período iria terminar, pois se sentiam divididas entre estar disponível sexualmente para seus companheiros e ajustarem-se psicológica e fisiologicamente, após o parto. Foi possível verificar também que a preocupação com o corpo, percebido como inadequado, inibia a relação sexual, relatando, contudo, que seus maridos não se incomodavam com as mudanças decorrentes da gravidez e do parto. Assim, a preocupação excessiva da mulher com seu corpo, aliada ao desejo de prontidão sexual proveniente do marido, não foram facilitadores da vida do casal durante este período.

Apesar de viverem em um período histórico em que há fácil acesso a elementos de cunho sexual, seja na mídia, na literatura ou mesmo na forma de produtos sexuais ofertados em inúmeras *sexy shops*, as entrevistadas mostraram-se inibidas e receosas para falarem de sua vida sexual, algumas delas preferindo utilizar o e-mail para “falar” de sua intimidade sexual, sinal de que, apesar de viverem em um período de esclarecimento sexual e alta erotização, não se sentem confortáveis para falar abertamente sobre o tema. Em sua intimidade ainda existem tabus relacionados ao assunto. Essa “dificuldade” em retratar a intimidade pode deixar lacunas nos relatos.

Provavelmente devido a isto, embora muitos trabalhos estejam disponíveis sobre a conjugalidade, pouco é encontrado sobre a sexualidade em sua relação com a conjugalidade e com a parentalidade.

Um aspecto importante a ser considerado em trabalhos futuros é a contribuição do ponto de vista masculino para a pesquisa. Relatos das questões que assolam o universo masculino durante essa fase da vida do casal são importantes para que uma visão mais holística do processo seja possível.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia; WALL, Karin. Tipos de Família em Portugal: Interações, Valores, Contextos. **Análise Social Vol. XXXVII**, v.163, p.475-506, 2002.

ABOIM, Sofia. Emoções e rotinas: a construção da autonomia da vida conjugal. **V Congresso Português de Sociologia**. Lisboa. Lisboa: APS, 2004.

ABOIM, Sofia. Conjugalidades em Mudança. **Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

ABRÃO, Ana Cristina. Amamentação: uma prática que precisa ser aprendida. **Pediatria (São Paulo) 2006**, v. 28, n.2, p.279-80, 2006.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Trad. Vera Lucia dos Reis, São Paulo e Rio de Janeiro, Ed. Record, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2003.

BAWIN-LEGROS, Bernadette. **Enfants de soixante-huitards**. Une génération désenchantée, Paris: Eds Payot et Rivages, 2006.

BENINCÁ, Ciomara; GOMES, Willian. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. **Estudos de Psicologia/UFRN**, v.3, n.2, p.177-205, 1998.

BERENSTEIN, Isidor. Problemas familiares contemporâneos ou situações familiares atuais. **Psicologia USP**, v.13, n. 2, p.15-25, 2002.

BOURDIEU, Pierre. À propos de la famille comme catégorie réalisée. **In : Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 100, p. 32-36, 1993.

BRASILEIRO, Renata; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Teresinha; Papéis de gênero, transição para a parentalidade e a questão da tradicionalização. **Psico (PUCRS)**, v.33, n.2, p.289-310, 2002.

CALLEGARI, Rita; JENSEN, Luciana. **Revista Crescer**, 2011.

CARRASCOZA, Karina. Et al. Prolongamento da Amamentação após o primeiro ano de vida: Argumentos das mães. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v.21 n.3, p.271-277, 2005.

CARTER, Betty; MACGOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, Betty; MACGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar** (p.7-29). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COCKRELL, Stacie; O'NEILL, Cathy; STONE, Julia. Casamento à prova de bebês: **Como ter uma relação equilibrada, manter a chama acesa e formar uma família feliz**. Rio de Janeiro, Sextante, 2009.

COSTA, Moacir. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.

COSTA, Liana Fortunato. Et Al. A contribuição da Terapia Ocupacional com gestantes adolescentes na maternidade Cândido Mariano em Campo Grande. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional**. Porto Alegre, 2001.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 417-425, 2005.

DIEHL, Arthur. O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). **Família em cena**. Petrópolis: Vozes, p.135-158, 2002.

DINIZ, Glauca. O casamento contemporâneo em revista. In: CARNEIRO, Teresinha Feres (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.135-156, 2009.

FALCKE, Diehl; WAGNER, Adriana. Satisfação conjugal na atualidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). **Família em cena**. Petrópolis: Vozes, p.172-188, 2002.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Escolha amorosa e interação conjugal na hetero e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 10, n. 2, p.351-368, 1997.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In: Terezinha FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau Editora, p.96-117, 1999.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Construção e dissolução do laço conjugal na terapia de casal. In Terezinha FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 201-214, 2003.

FERES-CARNEIRO, Terezinha & ZIVIANI, Cílio. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos da atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 83-108, 2009.

FERES CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidades Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, 2011.

FERRO-BUCHER, J.S.N. O casal e família sob novas formas de interação. In Terezinha FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau Editora, p.169-193, 1999.

FIGUEIREDO, B.; PACHECO, A.; COSTA, R.; MAGARINHO, R. Qualidade das relações significativas da mulher na gravidez. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, v.1, p. 3-25, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução á pesquisa qualitativa**. 3a ed. Trad. Costa, Joice Elias. Porto Alegre: Artmed/ São Paulo: Bookman, 2009.

GEORGAS, JAMES; BERRY, JOHN W.; VIJNER, FONS J. R. VAN DE, KAGITÇIBASI, ÇIGDEM, POORTINGA, YPE H. **Families across cultures. A 30-nation psychological study**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, M. De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In: M. GOLDENBERG (Org.). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, p. 195-204, 2000.

GOMES, Aguinaldo José da Silva & RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**., v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

HAAG, Carlos. A economia das aparências: cirurgias plásticas reforçam ideal do corpo como capital social. **Revista pesquisa fapesb**. Edição 187, p. 1-5, 2011

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**. Rio de Janeiro: 1996.

JABLONSKI, Bernardo. Identidade masculina e paternidade: de onde vimos e para onde vamos. In: Terezinha FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Editora Nau, p.55-69, 1999.

JABLONSKI, Bernardo. Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: Terezinha FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas** . Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 141-168, 2003.

KAUFMANN, Renato. **Diário de um grávido**. São Paulo: Mescla Editorial, 2010.

KNIBIEHLER, Yvonne. **Histoire des mères et de la maternité en Occident**. Paris : PUF, 2004.

KONNER, Melvin. (1981). Etologia de um povo que vive da caça e da coleta. Aspectos relacionados com o desenvolvimento infantil. Em: Nicholas BLURTON JONES (Org.), **Estudos etológicos do comportamento da criança** (p.295-316). (E. Otta, Trad.). São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. (Trabalho original publicado em 1972).

MACGOLDRICK, Monica. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, Betty; MACGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, p.184-205, 1995.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez**. São Paulo: Saraiva,1997

MINUCHIN, Salvador, NICHOLS, Michaels P. & LEE, Wai-yung. **Famílias e casais: do sintoma ao sistema**. Tradução: MELLO, Jorge Dellamora. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NICHILLO, Marcella de. A crise de casal entre pseudo-reciprocidade e emancipação. In: ANDOLFI, Maurizio; ANGELO, Claudio; SACCU, Carmine. **O casal em crise**. Tradução: FOÁ, Silvana Finzi. São Paulo: Sumus,1995.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Nas malhas da rede: os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ORLÁ, Monica Oliveira Batista, ALVES, Maria Dalva Santos & SILVA, Raimunda Magalhaes. Repercursões da gravidez na sexualidade feminina. **Enfermagem UERJ**, n.12 p. 160-1655,,2004.

PASINI, Wily. **A qualidade dos sentimentos**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

PEREIRA, Adriana. M. Amamentação na 1ª hora de vida salva um milhão de bebês. **Revista da Faculdade de Ciências da Saúde**, n. 4, p. 254-267, 2007. Acesso em Outubro, 7, 2008. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/dspace/handle/10284/429>

PEREIRA, M. Adriana. **Aleitamento materno – Importância da correção da pega no sucesso da amamentação**. Loures: Lusociência, 2006.

Perlin, Giovana., & Diniz, Glaucia. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n.2, p. 15-29, 2005.

PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PERROT, Michelle (dir.). **História da vida privada, 4: da revolução Francesa à Primeira Guerra** (pp. 93-104). (Trad. Denise Bottman). São Paulo: Companhia das Letras, 1991. (Original 1987).

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SANTOS, Nívea Cristina. **Assistência de enfermagem materno infantil** : Alojamento conjunto e aleitamento materno. São Paulo : Editora latria, 2004.

PIERRON, Jean Philippe. **Le climat familial. Une poétique de la famille**. Paris: Eds Du Cerf, 2009.

RESENDE, V. R. A paternidade e o resgate da experiência humana do homem [Resumo]. Em: UNESP (Org.), **Anais, III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários**. Bauru: UNESP, p.46, 1997.

ROCHA-COUTINHO, M.L. Quando o executivo é uma dama. In Terezinha FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 57-77, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALES, Adalene Torres Barreto. Transição para a maternidade em narrativas sobre amamentação numa comunidade do Orkut. 2011. 123 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2011.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, n. 15, v.3, p. 11-28, 2004.

SILVA, Ana Isabel & FIGUEIREDO, Barbara. Sexualidade na gravidez e após o parto. **Psiquiatria Clínica**, v.25, n.3, p. 253-264, 2005

SILVA, Laura Johanson & SILVA, Leila Rangel. Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais. Escola Ana Nery. **Revista Enfermagem** v.13, n.2, p. 393-401, 2009.

SINGLY, François. O nascimento do indivíduo individualizado na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice et al. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante, PARENTE, Flávia Soares & BORIS, Georges Daniel Bloc. Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina. **Psico PUCRS**, v. 40, n. 1, Porto Alegre, p. 24-31, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.

WAGNER, Adriana. Possibilidades e potencialidade da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: Adriana WAGNER (Org.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, p.23-38, 2002.

ZITTOUN, Tania. Symbolic competencies for developmental transitions: the case of the choice of first names. **Culture & Psychology**, v. 10, n. 2, p.131-161, 2004.

ANEXO 1 – Entrevista Piloto

1. O que você gostaria de me falar sobre a sua vida sexual após o nascimento de seu filho?
2. sexo F / M:
3. Idade:
4. Ocupação:
5. Você considera que contribui para a esfera domestica? De que forma?
6. Acha o suficiente esta contribuição? Por que?
7. Você considera que seu parceiro(a) contribui para a esfera domestica? De que forma?
8. Acha o suficiente esta contribuição? Por que?
9. Tempo de namoro:
10. Tempo de casamento:
11. A decisão de ter um filho foi de um ou dos dois? Conte como aconteceu?
12. Quais as mudanças que o período gravídico trouxe para a vida do casal?
13. Você utiliza algum método anticoncepcional após o parto? Caso sua resposta seja sim, qual tipo? O mesmo lhe causa alguma alteração física?
14. Você amamenta ou amamentou o seu filho via leite materno? Se sim, como você se sente ou se sentia, ao amamentar?

15. O que mudou na vida do casal após a chegada do primeiro filho?
16. Se puder mensurar quanto é sua dedicação ao seu filho numa escala de 0 a 10? Acha que precisa mudar?
17. Se puder mensurar quanto é a dedicação de seu parceiro(a) ao filho de vocês numa escala de 0 a 10? Acha que precisa mudar?
18. Como era a vida sexual do casal antes do primeiro filho, em termo de satisfação?
- a) Ruim, Bom, Médio ou Ótimo
19. Justifique:
20. Como ficou esta satisfação com a chegada deste filho?
21. Ruim, Bom, Médio ou Ótimo
22. Justifique:
23. Caso tenha piorado, o que você considera q precisa acontecer para reverter esta situação?

ANEXO 2 – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde)

Você está convidado(a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa: **“A sexualidade do casal sob a ótica feminina”**, sob responsabilidade do(a) pesquisador(a) Prof. Elaine Pedreira Rabinovich, Universidade Católica do Salvador e da aluna do curso de mestrado em Família Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, Juliana Orrico Viana.

A pesquisa objetiva investigar e estudar a configuração da família na passagem da conjugalidade para a parentalidade, a fim de compreender a vida sexual do casal contemporâneo após a chegada do primeiro filho. A participação do entrevistado consiste em responder ao questionário/instrumento, anexo a esse termo de consentimento.

Caso concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

- a) você é livre para, em qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- b) riscos: a pesquisa não representa riscos para a sua saúde, podendo, eventualmente, ocasionar ansiedade ou tristeza momentânea por evocar lembranças ou memórias de situações relacionadas à sua história de vida. Nesse caso, se você avaliar que há necessidade de conversar com um profissional, você pode entrar em contato com o aplicador;
- c) você pode deixar de participar da pesquisa em qualquer momento e não precisa apresentar justificativas para isso;
- d) você não será identificado de forma alguma, já que o instrumento é anônimo, ou seja, vc não deve escrever seu nome ou marcar de qualquer forma o questionário;
- e) os resultados da pesquisa serão divulgados em meios de comunicação científica;

f) respondendo ao questionário e entregando-o ao aplicador, você está automaticamente concordando em participar da pesquisa, aceitando suas condições e estando ciente de suas características gerais.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Programa de Pós-graduação Strictu Sensu
Mestrado em Família Contemporânea

Este questionário é individual;

Responda as perguntas baseando-se, ao máximo, em sua experiência pessoal;

Responda o questionário com tranquilidade. O acordo firmado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que acompanha este questionário, garante o seu anonimato.

Sua colaboração é muito importante! Obrigado!
